

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA
E GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO EB E
ES

Um Olhar “Geográfico” Sobre O Espaço Envolvente À Escola

Maria Fernanda Mota Ferreira

M

2016

Classificação Final: 11



Maria Fernanda Mota Ferreira

Um Olhar “Geográfico” Sobre O Espaço Envolverte À Escola

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º
Ciclo do EB e ES orientada pela Professora Doutora Maria Felisbela de Sousa Martins
coorientada pelo Professor Doutor Paulo Jorge de Sousa Oliveira Santos
Orientador de Estágio, Dr.ª Maria Salomé Ribeiro
Supervisor de Estágio, Maria Felisbela de Sousa Martins

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Resumo

O trabalho que agora se apresenta tem como título: Um olhar “geográfico” sobre o espaço envolvente à escola. O nosso trabalho de pesquisa tem como finalidade refletir sobre o “olhar” que os alunos têm sobre o espaço envolvente. Tendo em conta esse objetivo, lançamos um desafio aos alunos que consiste na captação de imagens para a realização de uma exposição fotográfica, inserida no projeto escolar da Escola Básica EB 2/3 Nicolau Nasoni. Nesse sentido vamos analisar fotografias de paisagens captadas pelos alunos, recorrendo a metodologia quantitativa e qualitativa, para inferir sobre as percepções dos alunos do espaço geográfico no qual estão inseridos. É também nosso propósito refletir sobre a leitura que os alunos fazem das paisagens e relacionar essas abordagens da realidade com os conteúdos temáticos trabalhados em contexto de sala de aula, nos respetivos níveis de ensino do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras-chave: ensino, fotografia, geografia.

Abstract

The work that is now presented has as title: A “geographic” look about the space involving the school. Our research work has as goal to reflect about the “look” students have about their involving space. Taking into account this goal, we made students a challenge that consisted in taking photos for a photographic exhibition which was inserted academic project of the basic school EB 2/3 Nicolau Nasoni. In this way we will analyze landscape photos taken by students, by using the quantitative and qualitative methodology, to reflect about students’ perceptions on the geographic space in which they’re inserted. It’s also an objective of ours to reflect about the landscape lecture students make and relate these approaches of reality with the thematic contents worked on class context, in the respective middle school levels.

Keywords: education, photography, geography

Agradecimentos

Só foi possível realizar este trabalho de Investigação Educacional devido à orientação e supervisão da Professora Doutora Maria Felisbela de Sousa Martins e ao Professor Doutor Paulo Jorge de Sousa Oliveira Santos, a quem deixo aqui os meus sinceros agradecimentos. Agradeço também a orientação da professora cooperante, a Dr.^a Maria Salomé Ribeiro e aos meus colegas do núcleo de estágio, Hugo Alexandre Fernandes Peixoto, Licínio Daniel Pinto de Azevedo e Maria Otília Santos Silva pela amizade e apoio durante o mesmo.

Orientadores: Maria Felisbela de Sousa Martins

Paulo Jorge de Sousa Oliveira Santos

Índice

Parte I: Introdução.....	6
Parte II: Enquadramento Teórico	
2.1 A Imagem no contexto educativo.....	9
2.2 A imagem: recurso didático.....	16
2.3 A paisagem e a Geografia.....	19
2.4 Ensinar Geografia através das imagens.....	21
Parte III: Enquadramento metodológico	
3.1 A metodologia utilizada.....	28
3.2 O projeto escolar.....	30
3.3 A divulgação do projeto escolar.....	34
3.4 Caracterização da Escola Nicolau Nasoni.....	36
3.5 Caracterização dos Alunos.....	37
Parte IV: Os dados obtidos	
4.1 A participação dos alunos.....	40
4.2 As fotografias obtidas.....	42
4.3 Análise de dados.....	43
4.4 Considerações Finais.....	50
Bibliografia.....	52
Anexos	
1.1 Atividade dos estagiários de Geografia.....	56
1.2 Divulgação da atividade ao 7º ano.....	57
1.3 Divulgação da atividade ao 8º ano.....	58
1.4 Divulgação da atividade ao 9º ano.....	59
1.5 Gráficos referentes à caracterização dos alunos.....	60
1.6 Tabela I Dados referentes às fotografias.....	61
1.7 Tabela II Os temas abordados nas imagens.....	62
1.7 Tabela III Fotos e dados referentes.....	63

I - Introdução

A utilização das imagens generaliza-se de facto e, quer as olhemos quer as fabriquemos, somos quotidianamente levados à sua utilização, decifração e interpretação. ⁽¹⁾

Martine Joly

O nosso relatório pretende refletir sobre a forma como os alunos observam e captam em fotografia o espaço geográfico no qual estão inseridos.

A escolha do tema deve-se ao facto de que, durante o nosso percurso académico, verificarmos, em situações de ensino-aprendizagem, algumas dificuldades, por parte dos alunos, na leitura e interpretação de imagens, o que resulta na dificuldade de aprendizagem dos conteúdos programáticos.

Estas limitações impedem os alunos de fazer uma leitura do espaço envolvente, refletindo-se muitas vezes na dificuldade de compreensão, e, conseqüentemente, no domínio dos conhecimentos e saberes trabalhados em contexto de sala de aula.

É objetivo do nosso trabalho empírico perceber qual a perceção que os alunos têm do espaço envolvente e também perceber qual a interpretação que fazem desse mesmo espaço. Nesse sentido, pareceu-nos fundamental analisar as imagens recolhidas pelos alunos, e relacionar as imagens com a leitura que fazem das paisagens, de acordo com as descrições que fazem das mesmas.

Este relatório de estágio baseia-se na análise das imagens captadas pelos alunos no âmbito do projeto escolar, que consiste na captação de fotografias por parte dos alunos para a elaboração de uma exposição projetada na Biblioteca da Escola Básica Nicolau Nasoni (EB 2/3). A observação da paisagem e a recolha de fotografias por parte dos alunos potencia a capacidade de uma leitura mais geográfica do espaço, para que eles possam observar e comparar, *in loco*, os conteúdos programáticos de Geografia.

⁽¹⁾ Joly, M. (2012). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa. Edições 70, p. 9.

Pretendemos que os alunos olhem para os espaços que fazem parte dos seus quotidianos e que reflitam sobre o que observam, de modo a relacionar o que os rodeia com os conteúdos de Geografia abordados anteriormente em contexto de sala de aula.

A recolha das fotografias pelos próprios alunos pareceu-nos uma boa oportunidade de observação e de tentativa de compreensão do espaço, exercício esse que permite ver e comparar as paisagens para procurar então compreender o que se observa. Essa observação direta fornece aos alunos a informação de uma realidade que os ajuda a interpretar as paisagens. Esse trabalho de pesquisa dos alunos favorece também o fortalecimento das relações interpessoais entre pares. Para além disso visa promover a interação com o meio envolvente e possibilitar aos alunos fazer a distinção entre os diferentes elementos da paisagem levando-os a compreender essa paisagem.

O trabalho está estruturado em quatro partes: na primeira parte fazemos uma introdução do nosso trabalho referindo as diferentes etapas do mesmo. Na segunda parte fazemos o enquadramento teórico do nosso trabalho. Começamos por referir a importância de tratar a imagem no contexto escolar, de modo geral, e posteriormente, pareceu-nos adequado, abordar de modo particular, a sua utilização como recurso didático, no processo de ensino aprendizagem de geografia. Afigura-se pois pertinente refletir sobre a sua utilização como um recurso nas práticas de ensino e salientar de que modo é que essa abordagem promove situações que facilitam a aprendizagem. Realçamos ainda que como atualmente a imagem está muito presente no nosso ambiente cultural, os professores não devem ignorar o seu uso no processo de ensino-aprendizagem.

Posteriormente salientamos a relevância da paisagem como parte integrante do estudo da geografia e refletimos sobre a importância da sua observação e respetiva leitura para a compreensão do espaço geográfico. E por fim tratamos a pertinência da utilização da imagem no ensino da Geografia. Procuramos refletir sobre a abundância de informação que pode trazer problemas na utilização da imagem em contexto de sala de aula, quer na eventual dificuldade a nível de escolha do material didático a utilizar nas práticas, quer também ao nível da sua leitura e interpretação.

Na terceira parte fazemos o enquadramento metodológico do nosso relatório, indicando as etapas seguidas ao longo do nosso trabalho empírico. Neste capítulo apresentamos o projeto escolar que está na base da nossa pesquisa. Damos especial destaque à pertinência do projeto escolar que possibilita aos alunos a confrontação de um território urbano com paisagens muito distintas. De seguida, expomos a metodologia

empregue para procedermos à análise dos dados recolhidos e as fases de divulgação da atividade aos alunos e a toda a comunidade escolar fazemos. Fazemos também uma breve síntese das principais dificuldades encontradas, nomeadamente ao nível da participação e da envolvimento dos alunos no respetivo projeto. Posteriormente fazemos a caracterização da Escola Básica Nicolau Nasoni (EB 2/3) e apresentamos uma descrição dos alunos que fazem parte da nossa amostra. De seguida fazemos uma reflexão sobre a participação dos alunos na atividade escolar desenvolvida pelo núcleo de professores estagiários de Geografia.

Por fim, na quarta parte segue-se a análise das imagens recolhidas pelos alunos, no âmbito do Projeto Escolar do 3º Ciclo da Escola Básica da Escola Nicolau Nasoni, no Ano Escolar 2013/2014. Para tal foi consultada bibliografia sobre o tema em estudo, organizados os dados recolhidos, realizada a análise quantitativa e qualitativa dos mesmos e feita a redação do trabalho com a coordenação da nossa orientadora, a Doutora Felisbela Martins e do Professor Doutor Paulo Jorge Santos. Para tal utilizamos metodologia qualitativa e quantitativas aplicadas ao nosso estudo. Nas considerações finais são apresentados os resultados obtidos e a nossa visão baseada na experiência de todo o percurso.

Tendo em conta o acima referido, os objetivos pertinentes que se colocam para a investigação são:

- Como é que os alunos captam em fotografias o espaço envolvente?
- Qual a leitura que os alunos fazem das imagens captadas?

II – Enquadramento teórico

2.1 A imagem no contexto educativo

Devido aos sucessivos progressos das tecnologias de comunicação e informação, a sociedade encontra-se cada vez mais informatizada. De acordo com esta nova realidade, a escola, como instituição componente da sociedade, deve adequar as suas estratégias e metodologias de ensino, em concordância com os novos desafios com que se depara.

Para Zabala (1998) “*ensinar envolve estabelecer uma série de relações que devem conduzir à elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto de aprendizagem... podemos falar da diversidade que os professores podem utilizar na estruturação das intenções educacionais com os alunos.*”⁽²⁾

Parece-nos, pois, adequado dizer que, numa sociedade em que as escolas estão, cada vez mais adaptadas ao mundo tecnológico, cabe ao professor o papel de seleccionar os recursos didáticos que potenciem a comunicação em sala de aula, de modo a promover a aprendizagem. A imagem assume assim um papel potenciador da comunicação, uma vez que capta a atenção dos alunos, suscita curiosidade e motiva os alunos a falar sobre a paisagem nela representada.

Visando assim a diversidade de materiais didáticos, a utilização da imagem na educação, e sobretudo em contexto de sala de aula, torna-se fundamental para que possamos comunicar, utilizando-a de forma intencional e ponderada.

A imagem é pois, um importante recurso que possibilita a leitura de paisagens, de forma indireta, tornando-se indispensável para o ensino geográfico.

Conforme Calado (1994) “*ultrapassamos já aquela etapa da imagem de massa, iniciada nos finais do século XIX e prolongada no século XX, em que o fascínio da quantidade – favorecida pela explosão das artes gráficas – dava o tom.*”⁽³⁾

⁽²⁾ Zabala, A. (1998). *A prática educativa, como ensinar*. Porto Alegre, Artmed, p. 90.

⁽³⁾ Calado, Isabel. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p. 17.

A utilização da criteriosa da imagem favorece a comunicação e a interação na sala de aula, sendo, por isso, uma ferramenta que auxilia no processo de ensino/aprendizagem. Superada a fase da massificação da imagem, iniciada nos finais do século XIX, somos levados a que nesta nova etapa, a possamos utilizar de acordo das nossas intenções, de modo a obtermos os resultados pretendidos.

Mas não podemos esquecer que *“a sociedade de informação criou a miragem de uma cultura global universalmente partilhada. É, de facto, uma miragem”*... *“usar imagens na classe não é o mesmo que olhá-las no cinema, no café, folheando uma revista, em casa em frente da televisão. A atitude no ensino tem de ser necessariamente mais pausada, reflexiva, crítica.”* ⁽⁴⁾

Ainda segundo Alegria (2004) a utilização de imagens no processo de aprendizagem levanta problemas, não só relacionados diretamente com a imagem fixa, mas que são comuns a diferentes tipos de imagem. Quando queremos levar os alunos a interpretar uma paisagem, uma pintura ou uma banda desenhada verificamos que existem características comuns ao conjunto de imagens, que colocam problemas no ensino.

A autora alerta para quatro aspetos da imagem que devemos considerar:

a) A analogia da imagem

“A imagem tem semelhança com aquilo que representa. Ou seja, ela não substitui a coisa que pretende representar, mas procura fazê-lo de forma verosímil. A fotografia de uma paisagem não é a própria paisagem, mas esta é, em princípio facilmente reconhecida. Nessa analogia não há inocência: há um ponto de vista de quem a construiu, de quem a selecionou ou de quem a comente com um qualquer fim”. ⁽⁵⁾

Alegria refere ainda que essa analogia do real não o substitui e que essa analogia da imagem implica perdas e ganhos. Refere ainda que a fotografia de um cachimbo, não permite sentir o cheiro, a dimensão ou o peso do objeto.

⁽⁴⁾ Alegria, M.F. (2004). “Imagem, imaginação e Geografia”. In *Revista Apogeo*, nº 27/28. Associação de Professores de Geografia, p.6.

⁽⁵⁾ Idem.

No entanto, a fotografia permite conhecer sítios diferentes da Terra inacessíveis à observação direta, permite-nos pois observar imagens de lugares que nunca visitaremos em vida.

b) A polissemia da imagem.

Uma outra característica da imagem é a sua polissemia, pois perante uma dada imagem há numerosas interpretações.

“Adequando a situação ao ensino, diríamos que perante diferentes leituras não deve ser imposta a interpretação do professor. Compete a este, de entre as diferentes opiniões dos alunos, ressaltar que são pertinentes, as que fazem sentido e enriquecem a imagem.” ⁽⁶⁾

Perante a análise de uma imagem, o professor tem aqui um papel de dirigir, desafiar e de promover a comunicação sobre ela, de modo a facilitar a sua leitura, obtendo dela o sentido mais observável.

c) A mensagem icónica e mensagem linguística

De referir ainda, segundo Alegria, a necessidade de se fazer a distinção entre «ler», no sentido próximo de ver, de reconhecer (ao nível do instintivo) e «interpretar» (nível descritivo e simbólico).

Alegria salienta” que ler e escrever exige aprendizagem. A língua é um objecto cultural desde o início da escolaridade. Também sabemos que os mapas, ferramenta indispensável em Geografia, são objecto de aprendizagem, pelo menos em certos níveis de escolaridade. E as outras imagens, como fotografias, desenhos, pinturas, vídeos, cinema? Exigirão elas aprendizagem específica para serem entendidas? O grande problema da utilização pedagógica da imagem é que todos pensam que sabem lê-las, sem ser preciso aprender. Elas são «naturais»”.⁽⁷⁾

⁽⁶⁾ Alegria, M.F. (2004). “Imagem, imaginação e Geografia”. In *Revista Apogeo*, nº 27/28. Associação de Professores de Geografia, p.7

⁽⁷⁾ Idem

Para fazermos uma boa leitura da imagem não podemos limitar-nos a uma observação rápida, devemos fazer uma reflexão e exercer um espírito crítico sobre ela. Isso exige um certo treino e tempo e a comunicação oral é fundamental para a sua interpretação. Falar sobre as imagens é essencial para a sua leitura.

d) A proliferação de imagens

Na sociedade de informação impera a abundância de imagens e esta pode trazer dificuldades ao ensino. Essas dificuldades colocam-se ao nível da escolha perante uma enorme oferta, ao nível das diferentes capacidades e práticas de leitura. Essa multiplicidade de meios informáticos levanta obstáculos na sua utilização no contexto de ensino, no entanto a autora menciona que compete ao professor incutir nos alunos uma atitude reflexiva e crítica para captar nas imagens mais do que a sua superficialidade do ver e do reconhecer.

Por esses motivos, a sua utilização no ensino tem de ser de pensada para se tirar delas um sentido que não só o de ver ou reconhecer. O seu uso no ensino deve conduzir os alunos a terem uma visão crítica sobre as imagens e ajudar à criação de uma cultura geral e geográfica em particular.

“Compete por isso ao professor, com alguma imaginação, manter a motivação e o interesse pela aprendizagem da imagem, explorando as suas potencialidades informativas, a estética, o simbolismo. Trazer a imagem ao nível do consciente e exercer sobre ele uma visão crítica.” ⁽⁸⁾

Também para Calado (1994), *do que precisamos é de passar a entender essas imagens, usando-as de acordo com as nossas intenções. Precisamos, afinal, de aprender a manipulá-las, em vez de nos deixarmos que nos manipulem elas.* ⁽⁹⁾

⁽⁸⁾ Alegria, M.F. (2004). “Imagem, imaginação e Geografia”. In *Revista Apogeo*, nº 27/28. Associação de Professores de Geografia, p. 8.

⁽⁹⁾ Calado, Isabel. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p. 18.

Calado adverte que os docentes que pretendem utilizar as imagens como um auxiliar didático devem dominar a sua *gramaticalidade*, para poderem escolher aquelas que dizem aquilo que eles desejam que seja dito.

Em relação aos alunos a autora refere que é fundamental promover a sua alfabetização visual para os equipar com as competências que lhes permitirão viver num mundo em que estão inseridos, de forma criteriosa e interveniente.

Ler criticamente as imagens permite ao aluno deixar de ser só consumidor de imagens para poder descodificar a sua mensagem. *“Junto dos mais jovens trata-se de despertar o espírito crítico sobre as imagens, de modo a tomarem consciência de que a imagem não é uma pura réplica do mundo que os rodeia, mas essa(s) imagens descodificam-se segundo certas regras, ou seja, através do estudo e leitura de imagens, os alunos devem tornar-se “descodificadores” e não consumidores das imagens”.* ⁽¹⁰⁾

No entanto o estudo da imagem não é linear, Calado diz que *“enfrentamos pois domínio vasto, complexo e fascinante da imagem, sob a forma deste desafio: que domínio é possível ter sobre a imagem? Que controlo em contexto educativo?”* ⁽¹¹⁾

Somos então levados a ponderar sobre a melhor maneira de exploração dos atuais recursos tecnológicos disponíveis nas escolas, como os multimédia e/ou salas de informática, que muito podem contribuir para motivar a aprendizagem dos conteúdos de geografia de uma forma mais proveitosa. Estas ferramentas são essenciais para trabalhar a imagem no contexto do ensino, possibilitando uma expressão e uma comunicação que facilitam a aprendizagem.

⁽¹⁰⁾ Martins, Felisbela (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio, p. 435.

⁽¹¹⁾ Calado, Isabel. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p. 19.

Ainda para Calado (1994) “o estudo da imagem - quer ela se faça em termos semióticos (que significações as imagens transportam?), quer em termos psicológicos (que esquemas perceptivos são mobilizados e que interações acontecem entre o sistema simbólico das imagens e os sistemas cognitivo e afectivo dos sujeitos?) – é uma das mais importantes temáticas da educação para os media. Abordá-la é ir ao encontro de uma necessidade que cada vez mais se configura como essencial: a da alfabetização visual dos cidadãos.”⁽¹²⁾

A autora refere também que não podemos dizer que a percepção resulta de uma aprendizagem, mas acrescenta que não devemos ignorar que o indivíduo tem de passar por determinadas experiências para que o desenvolvimento perceptivo aconteça.

De modo a desenvolver nos alunos a competência de uma linguagem visual, devemos promover a utilização da imagem em todo o processo de ensino/aprendizagem, levantando questões e problematizações. Estas atitudes levam a uma reflexão que se tornam essenciais para a compreensão e para a leitura da paisagem.

A imagem é um bom auxiliar na comunicação pedagógica, pois é apelativa e transmite informação de forma agradável, mas devemos considerar que para fazer uma boa interpretação da imagem temos que refletir, compreender e decifrar o que se observa. Temos pois que considerar que, para ler uma imagem, que nos parece “natural” necessitamos de uma aprendizagem e de operações mentais abstratas que mobilizam um conjunto de saberes anteriormente adquiridos.

⁽¹²⁾ Calado, Isabel. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p. 19.

Na perspectiva de Joly (2002) “*uma das razões pelas quais elas podem então parecer ameaçadoras é que estamos no meio de um curioso paradoxo: por um lado, vemos as imagens de um modo que nos parece perfeitamente «natural», que aparentemente não exige qualquer aprendizagem e, por outro, temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem «manipular» submergindo-nos de imagens secretamente codificadas e aproveitando-se da nossa ingenuidade.*”⁽¹³⁾

Devemos acrescentar que “*é verdade que a palavra escrita impôs, desde que surgiu, a necessidade de uma alfabetização. Estranhamente, o mesmo não aconteceu relativamente à imagem material, cuja emergência é porem mais antiga que a da escrita... A ideia de que a compreensão das imagens é imediata é uma ilusão. Há um alfabeto e uma gramática visuais que é necessário aprender. E esta aprendizagem é tanto mais urgente quanto mais inseridos estão os nossos alunos, hoje em dia, num mundo que tem podido ser designado como uma iconosfera.*”⁽¹⁴⁾

⁽¹³⁾ Joly, M. (2012). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa. Edições 70, pp. 9 -10

⁽¹⁴⁾ Calado, Isabel. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p.21.

2.2 A imagem: recurso didático

Para Souza (2007) “*Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos*”⁽¹⁵⁾

O recurso didático é um constituinte presente no ambiente de aprendizagem que estimula o aluno no processo de ensino/aprendizagem. Esta ferramenta pode ser um objeto, um equipamento, um instrumento ou materiais diversos, como livros, imagens, músicas e vídeos. A imagem é, pois, um importante recurso que auxilia na transferência de experiências e que é utilizado no ensino de conteúdos temáticos ou transmissão de informações.

Souza realça ainda que a utilização de recursos didáticos no processo de ensino/aprendizagem é fundamental para que o aluno compreenda os conteúdos trabalhados, permitindo-lhe desenvolver a sua criatividade, a coordenação motora e a habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser amplamente usados pelo professor nas suas aulas.

Visando pois promover o desenvolvimento do conhecimento dos alunos, a respeito de temas cuja pertinência é de inquestionável interesse para a formação individual, os recursos didáticos, são de fundamental importância para o trabalho a desenvolver pelo professor na orientação e planejamento das suas práticas. Desse modo, o uso de imagens numa perspectiva de utilização pedagógica é relevante para solidificar a aprendizagem e a formação de conceitos geográficos, identificar diferentes tipos paisagem e dependendo da abordagem dada ao conteúdo, desenvolver conceitos de região, território e lugar.

⁽¹⁵⁾ Souza, S. E. (2007). “O uso de recursos didáticos no ensino escolar”. In: *I Encontro De Pesquisa Em Educação, IV Jornada De Prática De Ensino, XIII Semana De Pedagogia Da UEM: Infância E Práticas Educativas*. Maringá, PR, p. 111.

Sendo um ponto de partida para atividades de observação e descrição, a observação, leitura e interpretação de imagens facilita ainda aos alunos a identificação no território dos elementos naturais e humanos e vivenciarem diferentes localidades e suas populações. Feita esta identificação, parte-se para pesquisas que estimulem e levantem os aspetos económicos, sociais, culturais e naturais da paisagem em estudo.

Conforme refere Vasconcelos (1991), *“o uso de imagens como mobilização para a pesquisa deve levar o aluno a duvidar das verdades anunciadas e das paisagens exibidas. Essa suspeita instigará a busca de outras fontes de pesquisa para investigar as raízes da configuração sócio espacial apresentada, necessária para sua análise crítica.”*
(16)

A utilização continuada da imagem como recurso pedagógico promove situações que levam os alunos a comunicar e a interagir. Esta interação promove o entusiasmo pelas propostas do professor e ainda pode ajudá-los a adquirir a confiança necessária para questionar e argumentar. Considerar a imagem como um material educativo é valorizar uma ferramenta e uma forma de linguagem a que a população, de um modo geral, tem acesso.

Deste modo os alunos têm a possibilidade de desenvolver algumas competências definidas nas Orientações Curriculares de geografia como a *“...procura de informação, na observação, na elaboração de hipóteses, na tomada de consciência, no desenvolvimento de atitudes críticas, no trabalho individual e de grupo e na realização de projectos.”* (17)

(16) Vasconcelos, C. dos S. (1991). *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo. Cadernos pedagógicos do Libertad, 1991, p. 21.

(17) Câmara, Ana Cristina; Ferreira, Conceição Coelho; Silva, Luisa Ucha; Alves, Maria Luisa; Brazão, Maria Manuela (2001). *Orientações Curriculares do 3º Ciclo - Geografia*, Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica, p.7.

Também a captação de imagens do espaço envolvente, por parte dos alunos, favorece o reconhecimento de uma realidade geográfica e permite desenvolver *in loco* diferentes competências geográficas, como a observação, elaboração de hipóteses, a leitura e a interpretação das respetivas paisagens.

Assim, trabalhar com imagens pode valorizar e promover ao máximo as potencialidades educativas de uma linguagem visual, para além da linguagem escrita. Para que isso seja possível, deve ser dada ao aluno a possibilidade de uma instrução visual, que lhe possibilite desenvolver as suas competências e também que lhe permita viver no mundo em que está inserido, de forma consciente e interventiva.

Cabe pois, à Escola, como instituição educativa que é, adequar os recursos, as estratégias e as metodologias de ensino aos novos contextos, de forma a proporcionar o desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos.

“...a escola, que no tempo das civilizações orais ensinou a falar e a escutar, e que nas civilizações escritas ensinou a ler e a escrever, não deveria hoje ensinar a ver e a mostrar?” (Pinto, 1988, p.30) ⁽¹⁸⁾

A escola deve promover aprendizagem de linguagens, no sentido de permitir aos alunos o desenvolvimento da ação comunicativa. O domínio da linguagem visual é importante para observar, comparar e perceber as modificações que resultam da ação do homem no espaço e também compreender a sua transformação.

Nesse sentido, a tecnologia adquire um papel importante na educação, pois permite criar situações didáticas interessantes para os alunos e que se tornam fundamentais para a compreensão desse mesmo espaço e para a formação de conceitos geográficos.

⁽¹⁸⁾ Calado, Isabel (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto. Porto Editora, p. 17.

2.3 A Paisagem e a Geografia

Geralmente definimos a paisagem como sendo tudo aquilo que o nosso olhar alcança. Aparece implícito nessa aceção a existência de um observador e de um ponto de vista. Existem várias formas de apreensão da paisagem, e em cada uma delas, mencionamos elementos distintos. São, portanto, formas complementares de observação e todas elas são de grande interesse para o estudo da paisagem.

Para Lacoste (2005), *“Compreender uma paisagem implica porém saber reconhecer e dar o nome das formas, dos diferentes conjuntos espaciais, que se dispõem desde os primeiros planos até ao horizonte.”*⁽¹⁹⁾

Já Batouxas (1998) distingue três tipos de paisagem: *“A paisagem humanizada: paisagem que apresenta alterações atribuídas a acção do homem. A paisagem natural: paisagem que não apresenta vestígios ou marcas da acção humana e ainda a paisagem protegida: paisagem natural ou semi-natural, resultante da interacção harmoniosa entre os elementos naturais e a actividade humana. Pelo facto de possuir um valor estético ou ecológico, é protegida e conservada.”*⁽²⁰⁾

Mas conforme refere Meneses (2002), *“o conceito de paisagem não é exclusivo da geografia, mas sempre teve grande relevância para a disciplina, estabelecendo-se como um de seus conceitos-chave, em constante (re)discussão.”*⁽²¹⁾

Meneses menciona ainda que a paisagem é um tema *“extremamente amplo, cheio de veredas que se multiplicam e alternativas que não se excluem”*⁽²²⁾

⁽¹⁹⁾ Lacoste, Yves (2005). *Dicionário de Geografia – da Geografia à Paisagem*. Lisboa. Teorema, p. 294.

⁽²⁰⁾ Batouxas, Mariana; VIEGAS, Julieta (1998). *Dicionário de Geografia*. Lisboa, Edições Silabo, p.149.

⁽²¹⁾ Meneses, Ulpiano T. Bezerra de (2002). “A paisagem como fato cultural”. In: Yázigi, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29.

⁽²²⁾ Idem

O autor evidencia o facto de paisagem ser um termo extraordinariamente polissêmico, o que contribui para que o mesmo seja amplamente utilizado como simples palavra de sentido comum, sem qualquer especificidade que banaliza e desvirtua o conceito.

Para o estudo da Geografia, e de acordo com as diferentes correntes do pensamento, existem distintas categorias consideradas fundamentais para a compreensão da paisagem.

As principais categorias geográficas que compreendem a paisagem são os lugares e os territórios, as regiões e o espaço. Essas categorias geográficas consistem em tudo aquilo que é perceptível através de nossos sentidos; no entanto, a análise da paisagem é mais eficaz através da visão.

A paisagem diz respeito à configuração externa do espaço, muitas vezes definida como “aquilo que a vista alcança”, diz respeito às transformações ocorridas no espaço e que são apreendidas pelo homem.

Para Oliver Dolfuss (1973) as paisagens são fruto da ação humana no espaço e Oliver classifica-as em três grandes grupos, em função das modalidades e da intervenção do homem no meio. ⁽²⁴⁾

Para o autor a paisagem natural é a paisagem que não foi ainda submetida à ação do homem. A *paisagem modificada é aquela* que resulta da ação humana, das coletividades de caçadores e de coletores. Essas coletividades mesmo sem exercerem atividades pastoris ou agrícolas, mas, que ainda assim, podem, através das suas constantes deslocamentos, modificar a paisagem de forma irreversível.

Refere ainda que essas modificações podem ocorrer através do fogo, do derrubamento de árvores, entre outros. Por último, menciona as *Paisagens organizadas* como aquelas que representam o efeito de uma ação consciente, combinada e contínua sobre o meio natural, como, por exemplo, as cidades e/ou as praças.

⁽²⁴⁾ Dollfus, O. (1973). *L'Espace Géographique*. Paris, Presse Universitaire de France, p.30-34

A paisagem é, portanto, formada por diferentes elementos que podem ser de domínio natural, humano, social, cultural ou económico e que se articulam uns com os outros. Por conseguinte, a paisagem está em constante processo de transformação, de acordo com as atividades humanas.

O autor diz que a descrição de uma paisagem realça, classifica e coloca em ordem os diferentes elementos da paisagem a analisar. Permite ainda colocar questões e procurar ligações entre esses elementos.

Para o autor francês a análise da paisagem tem como ponto de partida tudo o que é visível no espaço, para depois se identificar a importância das heranças e a velocidade das evoluções, para podermos decifrar os sistemas estruturantes que atuam sobre o espaço.

A sua observação da paisagem é verdadeiramente importante pois retrata as relações sociais estabelecidas em determinado local, onde cada observador seleciona as imagens que julga mais relevante. Deste modo, diferentes pessoas observam diferentes paisagens de acordo com as suas perceções.

2.4 Ensinar geografia através das imagens

“A era do ostracismo face às imagens foi abalada. Assim também a era dos entusiasmos ingénuos. A predominância do impresso como meio de comunicação fez da análise abstrata e racional a prioridade das prioridades para a educação e a cultura. O aspecto global e imediato da experiência visual, assim como a sua presença massiva e a sua aparente simplicidade, engana-nos. A imagem não é pobre nem elementar por natureza: ela é-o pela falta de imaginação dos seus criadores e pela atitude redutiva dos seus utilizadores”. ⁽²⁴⁾

Jacquinet, 1981

⁽²⁴⁾ Calado, Isabel. (1994). *A utilização Educativa das imagens*. Porto. Porto Editora, p.22

A imagem e a paisagem são indissociáveis dos conteúdos de Geografia, desde que sejam explorados segundo os seus fundamentos teóricos conceituais.

No ensino de Geografia a imagem tem um papel primordial para a compreensão do espaço geográfico.

Conforme refere Pierre Geolitto “ l’histoire de la géographie, est une longue histoire de l’image”.⁽²⁵⁾

A paisagem resulta da observação de uma realidade, quer seja uma observação direta ou indireta. Essa observação permite a leitura, interpretação e análise, possibilitando uma reflexão crítica da realidade.

Orlando Ribeiro (2012) menciona que “*a Geografia orienta-se cada vez mais no sentido da interpretação das paisagens, isto é, da explicação das formas visíveis da face da terra, ou dos factos invisíveis que nelas se refletem.*”⁽²⁶⁾

Ensinar Geografia é um desafio que nos leva à procura de novos desafios. Devemos, pois, encontrar alternativas que possam e devam ser utilizadas em contexto de sala de aula e a da utilização da imagem que pode ser um desafio válido no processo de ensino aprendizagem de geografia, para, a partir dela, desenvolver a construção do conhecimento.

Nesta perspetiva, desenvolve-se assim uma educação geográfica que possibilita o desenvolvimento de destrezas espaciais, o visionamento espacial dos factos e a sua interação e diferenciação à superfície terrestre. Deste modo, a Geografia assume um papel formativo para a promoção para a cidadania, aproximando a escola da realidade do quotidiano.

⁽²⁵⁾ Geolitto, Pierre (1992). *Enseigner La Géographie à L’Ecole. Pédagogies pour demain*. Paris. Hachette Éducation, p. 175.

⁽²⁶⁾ Ribeiro, Orlando (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto, Porto Editora, p. 33.

“A utilidade do ensino de Geografia é indiscutível: ela está na base tanto da compreensão do mundo dos nossos dias como do nosso próprio país, da diversidade das regiões, das causas do seu atraso e dos remédios com que se pode acudir a ele.” ⁽²⁷⁾

Felisbela Martins menciona que está implícito nas Orientações Curriculares de Geografia, para o ensino Básico e para o Ensino Secundário de Geografia que *“os professores devem proporcionar aos alunos experiências educativas, de modo a que estes tenham a oportunidade de aprender a observar, registar, tratar informação, levantar hipóteses, formular conclusões e apresentar resultados, que seja desenvolvida a capacidade de pesquisa junto destes”*. ⁽²⁸⁾

O professor pode sempre utilizar uma grande variedade de materiais, como imagens de diferentes épocas, imagens de satélite, fotografias representadas nos livros didáticos, de jornais, revistas e slides entre outros, enriquecendo as suas aulas.

No entanto Felisbela Martins (2014) alerta que o *“uso do recurso audiovisual não pode ser utilizado como um veículo ou meio da constatação de um facto ou tema. Deve ser utilizado como um recurso que seja capaz de gerar uma abordagem e discussão, permitindo ao professor desencadear o desenvolvimento de capacidades formativas do aluno”*. ⁽²⁹⁾

Precisamos, no entanto, de refletir sobre um aspeto importante no que se refere ao ensino. O processo de aprendizagem não se materializa só na escola. Temos, pois, que considerar que quando o aluno chega à escola, já traz consigo a capacidade de observar e que de certa forma procura explicar o mundo em que vive.

⁽²⁷⁾ Ribeiro, Orlando (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto, Porto Editora, p.147.

⁽²⁸⁾ Martins, Felisbela. (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio, p. 431.

⁽²⁹⁾ Idem, p. 430.

Esse modo de *ler* o cotidiano está enraizado de Geografia. É, pois, importante que a escola tenha as condições necessárias para que o aluno possa sistematizar e ampliar as noções que já construiu, de forma espontânea, através da aprendizagem dos conteúdos de Geografia.

Conforme defende Gadotti (1991), “*o ensino deve sempre respeitar os diferentes níveis de conhecimento que o aluno traz consigo para a escola. Tais conhecimentos exprimem o que poderíamos chamar de identidade cultural do aluno ligada evidentemente ao conceito sociológico de classe. O educador deve considerar sempre essa leitura do mundo inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, em si. Ele forjou-a no contexto do seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcando-a fortemente com sua origem social.*”⁽³⁰⁾

Cabe, pois, à escola, enquanto instituição educativa; promover a expansão e sistematização do conhecimento, pois este é inacabado, e o indivíduo adquire conhecimento ao longo de toda a vida.

A Geografia é uma disciplina que promove a leitura do mundo em que vivemos. Todavia, essa competência é uma construção progressiva, que acontece na escola, à medida que os alunos aprendem a observar, a perguntar-se sobre o que observam, a descrever e a espacializar acontecimentos sociais e naturais de forma cada vez mais ampla, considerando dimensões de tempo e de espaço.

Ainda de acordo com Felisbela Martins (2014) “*ler imagens é mais do que observar a imagem. “Significa pensar e verbalizar o que sugerem.*”⁽³¹⁾

⁽³⁰⁾ Freire P & Campos, M. O. (1991). *Leitura da Palavra... Leitura do Mundo*. Rio de Janeiro, O Correio da UNESCO,. vol 19. fev, n 2, p.5.

⁽³¹⁾ Martins, Felisbela. (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio., 431.

Heloísa Dupas (1991) salienta que “ *as imagens podem ser trabalhadas de formas diferenciadas, dependendo do recurso tecnológico utilizado. A imagem de uma foto por ser imóvel, recorta um fato e o isola do seu contexto. Dessa forma, uma única imagem pode ser aproveitada como material pedagógico dentro de várias temáticas. Ao contrário disso as imagens em movimento estão inseridas num contexto do qual não podem ser desvinculadas, pois retratam as particularidades da situação ou do fato que apresentam.* ” ⁽³²⁾

Assim a observação de uma imagem (uma foto, uma ilustração, entre outros), deve iniciar-se com uma pesquisa que se fundamente nas categorias de análise do recurso.

As imagens, de uma forma geral, podem ser utilizadas para a problematização do espaço geográfico e nos fundamentos teóricos conceptuais da Geografia. O recurso visual assume assim o papel de problematizar e estimular para depois pesquisar sobre os assuntos provocados por essa mesma imagem.

Essa complexidade da utilização pedagógica da imagem pode induzir em erros. É que ela, por ser tão natural, pode levar-nos a pensar que sabemos lê-la sem ser necessário aprender a fazê-lo. Uma coisa é olhar para a imagem e ver o que lá está, outra é tentar interpretar o que lá está representado.

Segundo Metz (1970) ” *ler imagens é falar sobre elas. As duas observações estão relacionadas* ”. ⁽³³⁾

No entanto, ensinar geografia tendo como recurso a imagem requer aprendizagem, para obtermos o que realmente queremos dela.

⁽³²⁾ Penteadó, Heloísa Dupas (1991). *Televisão e Escola: Conflito ou Compreensão?* São Paulo: Cortez, p.78

⁽³³⁾ Metz, C. (1970). *Au-Delà de l'analogie l'image*. In. “*Révue Communications* “, 15. Paris, 1970, pp.1-10.

Também requer uma atenção especial para fazermos dela uma boa interpretação, isso exige algum tempo e um certo treino. Devemos também saber fazer a distinção entre *ler uma imagem*, e reconhecer e *interpretar* essa imagem a um nível mais simbólico.

“Em geografia o professor deve utilizar o maior número possível de imagens nas aulas, pois diversificando esta oferta está a contribuir para criar cultura no sentido lato e, também, cultura geográfica.” ⁽³⁴⁾

Sempre que a imagem é utilizada como recurso didático, em contexto de sala de aula, é necessário ter em consideração, no momento da sua interpretação, se os diferentes aspetos que são solicitados constam na imagem.

Há que distinguir claramente aquilo que se vê, daquilo que a fotografia sugere, sem impor uma norma interpretativa, que pode ser do professor ou do manual. Devemos levar os alunos a falar sobre o que veem na imagem e sobre que a imagem lhes sugere.

A utilização da imagem para além de ser indispensável no ensino de geografia requer prudências na sua utilização. Uma imagem é sempre uma representação da realidade, pois como salienta Godard (1992) *não existem imagens justas, há simplesmente imagens.* ⁽³⁵⁾

A reflexão, a interpretação ou a análise da uma imagem fotográfica é uma importante atividade a ser realizada com alunos de qualquer idade, porém o professor necessita de estar habilitado para isso.

Apenas o conhecimento não é o suficiente para que seja possível o processo de ensino aprendizagem. É necessário também a didática e a compreensão de técnicas para cimentar a aprendizagem. Contudo estas só serão adquiridas durante as práticas pedagógicas.

⁽³⁴⁾ Alegria, M.F. (2004). “Imagem, imaginação e Geografia”. In *Revista Apogeo*, nº 27/28. Associação de Professores de Geografia, p.8.

⁽³⁵⁾ Geolitto, Pierre (1992). *Enseigner La Géographie à L'École. Pédagogie pour demain*. Paris. Hachette Éducation, p.175.

A mesma fotografia pode ter diferentes interpretações, desde um simples retrato, até a uma fotografia de guerra. É pois fundamental ponderar com os alunos a respeito das múltiplas representações de uma imagem.

Para Felisbela Martins, (2014) *a capacidade de interpretação está estreitamente relacionada com a idade, prática e nível de instrução. Para ensinar, ler e interpretar a informação que as fotografias oferecem, o professor deve dirigir a observação mediante perguntas que procurem respostas concretas.* ⁽³⁶⁾

Numa atividade que envolva a análise de fotografias, o aluno desenvolve o olhar crítico e também a capacidade de observação e de interpretação, possibilitando identificações para além dos próprios factos. Ao debater junto aos alunos uma imagem fotográfica é necessário salientar que a fotografia é a interpretação de um fotógrafo sobre o facto registrado. Por conseguinte, é fundamental que o professor passe o maior número de dados possíveis sobre o quando e onde é que a fotografia foi feita, bem como todos os dados biográficos disponíveis sobre o autor da fotografia.

A imagem no ensino deve ser um instrumento de informação e de comunicação. Em Geografia, o ensino através da imagem possibilita a representação do real e potencia as suas possibilidades expressivas e comunicativas. Assim, partindo das imagens, devemos conversar sobre elas e retirar delas a maior quantidade de informação, e de forma o mais imparcial possível.

No entanto, devemos ter sempre em conta que a fotografia não funciona como uma representação pura da realidade, mas como um caminho para se chegar à realidade.

⁽³⁶⁾ Martins, Felisbela. (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio, p. 440.

Para Geolitto (1992) a imagem não é real, mas a sua simples representação, a imagem não é neutra à partida. Acrescenta ainda que duas fotografias de uma mesma paisagem podem originar diferentes leituras. ⁽³⁷⁾

Essa orientação é fundamental, pois sabemos que a fotografia não é a própria realidade. Desse modo torna-se necessário que ao utilizar a fotografia em contexto de ensino de geografia, o aluno tenha consciência de que a fotografia é uma obra pensada e elaborada pelo fotógrafo e que este a compõe a partir de suas referências culturais, pessoais e profissionais. Temos ainda que considerar, que a fotografia pode ter sido encomendada e, neste caso, o profissional mostrou apenas o lado que o cliente desejava passar com a imagem. Devemos então ter sempre presente que a fotografia representa uma realidade subjetiva.

III - Enquadramento metodológico

3.1 A metodologia utilizada

Para a realização deste trabalho optamos por utilizar como instrumento de recolha de dados as fotografias recolhidas pelos alunos.

Na primeira etapa da análise de dados procedemos à análise estatística dos dados recolhidos, obtendo informação predominantemente quantitativa, sendo esse também o nosso objetivo e na breve análise de conteúdos.

Para alcançarmos os nossos objetivos de refletir sobre as imagens captadas pelos alunos e também sobre a leitura que fazem dessas mesmas paisagens, através da análise das suas descrições, procedemos à recolha e separação das fotografias, por nível de ensino, às quais foi atribuído um código de acordo com a ordem de chegada, com referência à turma e ao número de aluno.

⁽³⁷⁾ Geolitto, Pierre (1992). *Enseigner La Geographie à L'Ecole. Pédagogie pour demain*. Paris. Hachette Éducation, p.175.

Posteriormente fizemos uma grelha, na qual identificamos as fotografias com através da respetiva referência e assinalamos a presença, ou não, de elementos associados a cada imagem, nomeadamente a legenda, a identificação do local da recolha da imagem, uma descrição e conclusão.

Conforme refere Felisbela Martins (2014), *“reconhecer as imagens visuais e interpretá-las são duas operações mentais distintas e complementares. A perceção visual é a capacidade fundamental do Homem, que trata as formas de modo abstrato, e não se cinge apenas a registá-las mecanicamente no cérebro. A perceção visual faz uma interpretação dos dados visuais. Por seu turno, a interpretação é entendida como uma operação mental que consiste em conferir sentido, de atribuir um significado a algo que pode não ser visual. É então necessária a capacidade de refletir para se descobrir, compreender e decifrar os significados do que se observa.”* ⁽³⁸⁾

Como tal, procedemos à elaboração de uma grelha (grelha II) onde constam as imagens com toda a informação fornecida pelos alunos.

Segundo Quivy e Campenhoudt apresentar os mesmos dados sob diversas formas favorece seguramente a qualidade das interpretações. Para os autores a expressão gráfica dos dados são mais do que simples métodos de exposição de resultados. No entanto alertam que a *“apresentação diversificada dos dados não pode substituir a reflexão teórica prévia, a única a fornecer critérios explícitos e estáveis para a recolha, a organização e, sobretudo, a interpretação dos dados, assegurando, assim, a coerência e o sentido do conjunto do trabalho”* ⁽³⁹⁾

⁽³⁸⁾ Martins, Felisbela. (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio, p.434

⁽³⁹⁾ Quivy, R.; Campenhoudt, L.V (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, p. 223.

No entanto, projetamos o nosso trabalho também para a obtenção de informação qualitativa, para que desta forma consigamos adquirir dados que permitam uma futura intervenção direta na realidade.

Procedemos, por isso, à construção de gráficos e tabelas para organização de dados, obter informação e fazer uma apresentação dos mesmos.

Na nossa análise de dados visamos, mais do que uma simplicidade descritiva, a produção de inferências através da análise dos dados recolhidos.

3.2 O projeto escolar

Este trabalho tem por base o projeto escolar da disciplina de Geografia do 3º Ciclo do Ensino Básico. A atividade pedagógica está inserida no Plano Anual de Atividades (PAA) da Escola Nicolau Nasoni do Agrupamento de Escolas António Nobre, no Porto. O projeto consiste na elaboração de uma exposição fotográfica com imagens recolhidas pelos alunos tendo como fundo os espaços geográficos que fazem parte dos seus quotidianos.

O planeamento, orientação e elaboração da atividade esteve a cargo do núcleo de professores estagiários de Geografia colocados nesta escola. No entanto, a recolha e tratamento de dados ficou a nosso cargo uma vez que estes dados estão na base do nosso trabalho empírico. O projeto escolar é dirigido a todos os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico da Escola Nicolau Nasoni, também como a toda a comunidade escolar. O documento 1 (em anexo) revela os itens orientadores da atividade.

A exposição fotográfica tem como título: Um olhar “Geográfico” sobre o espaço envolvente à escola.

A orientação do projeto, recolha de imagens e planeamento da exposição ficam a cargo dos professores estagiários, com vista à organização de uma exposição projetada na Biblioteca Escolar, no fim do 3º Período.

Da análise e tratamento dos dados obtidos, com recurso a métodos quantitativos e qualitativos, resulta o presente relatório de estágio profissional.

Objetivando aperfeiçoamentos para o processo de ensino de geografia, procuramos motivar os alunos através do Projeto Escolar desenvolvido: *Um olhar “ Geográfico” sobre o espaço envolvente à escola* e levar os alunos, através dele, a desenvolver a capacidade de observação, levando-os a observar diretamente os territórios, para uma melhor compreensão dos mesmos.

Como professores de Geografia pareceu-nos pertinente incentivar os alunos a uma abordagem de pesquisa reflexiva. Levar os alunos a captar imagens das paisagens que lhes são familiares tem como objetivo desenvolver a capacidade de observação e de leitura das paisagens. Tendo como base as paisagens que fazem parte do quotidiano e como suporte a fotografia, pareceu-nos adequado possibilitar aos alunos, através da observação das paisagens, a captação de imagens de acordo com o seu “olhar”. Pareceu-nos também pertinente levar os alunos a trabalhar em grupo, levando-os à partilha de tarefas e ao sentido de entreajuda. Um outro aspeto que nos pareceu também importante no momento da planificação foi o de redescobrir paisagens, no espaço geográfico no qual estão inseridos.

Para tal, e aproveitando a excelência do meio no qual a escola está inserida, um território urbano muito urbanizado, mas ainda com fortes traços de ruralidade, com a proeminência de pequenas hortas, revelando-se assim numa oportunidade para explorar geograficamente e potenciar o desenvolvimento e a capacidade de observar criticamente e fazer uma leitura geográfica desse mesmo território.

Em conformidade com o exposto, o projeto escolar visa sobretudo estimular os alunos a desenvolver a capacidade de *“ver, comparar, notar particularidades, procurar compreender o que se observa, tentar descrever o que se compreendeu”*.⁽⁴⁰⁾

⁽⁴⁰⁾ Ribeiro, Orlando (2012) *O Ensino da Geografia*. Porto, Porto Editora. 2012, p. 68.

Nesse sentido foi solicitado, pelo núcleo de professores estagiários de Geografia colocados na escola Nicolau Nasoni, a participação de todos os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, no projeto escolar. Em conformidade com o anteriormente dito foi elaborada uma campanha de divulgação do mesmo junto dos alunos conforme anunciaremos no capítulo 3.3.

Com esta atividade os alunos confrontam-se com o ambiente real, experienciam a paisagem. Essa realidade permite também comparar diferentes realidades, as localidades e as suas populações e observar diferentes configurações espaciais e as suas representações.

Tendo em conta os conteúdos dos currículos dos respetivos níveis de ensino, conforme as Metas Curriculares do 3º Ciclo do Ensino Básico de 2013/2014. Solicitamos aos alunos da escola Nicolau Nasoni, que observassem e fotografassem o espaço envolvente, de acordo com as temáticas a serem abordados em cada nível do 3º Ciclo do Ensino Básico, conforme iremos referir aquando da divulgação da atividade, no ponto seguinte do nosso trabalho.

Assim, para o 7º ano a temática abordar o Domínio, A Terra: Estudos e Representações e subdomínio A Geografia e o Território, no ponto 1. 3. Identificar, no território, paisagens com diferentes graus de humanização.

Para o 8º ano enquadra-se no Domínio, População e Povoamento, no subdomínio Cidades, principais áreas de fixação humana, no posto 3.1. Descrever as diferenças entre modo de vida rural e modo de vida urbano.

No que respeita o 9º ano remete para o Domínio, Subdomínio Países com diferentes graus de desenvolvimento no ponto 2.7. Interpretar os principais contrastes na distribuição dos diferentes indicadores de desenvolvimento em Portugal.

Os alunos deviam trabalhar em grupos de dois elementos, podendo, no entanto, juntar mais um elemento ao grupo. No entanto, se o aluno pretendesse trabalhar a nível individual podia fazê-lo, como de facto aconteceu. Devemos ainda mencionar que não encontramos grupos de trabalho com mais de dois elementos.

Cada aluno teve a liberdade de escolher o seu parceiro de grupo de modo a facilitar o trabalho, nomeadamente ao nível de apoio logístico. Também por motivos de

proximidade geográfica, quer de afinidade, facilitando a deslocação para os locais a fotografar, entre outros.

Relativamente à temática da exposição, foi solicitado aos alunos do 7º ano que fotografassem o espaço envolvente à escola, de forma livre, com uma breve descrição dessas imagens. As fotografias deviam ter a indicação da localização das imagens, e a respetiva data. As fotografias (duas) deviam identificar os autores e a turma e uma breve descrição (Doc. 2 em anexo).

O 8º ano devia fotografar no espaço envolvente à escola paisagens com características rurais e paisagens com características urbanas, incluindo também uma breve descrição sobre as paisagens fotografadas. As imagens recolhidas pelos alunos deviam ser datadas e devidamente identificadas com o nome dos alunos e com turma e com indicação da localização (Doc. 3 em anexo).

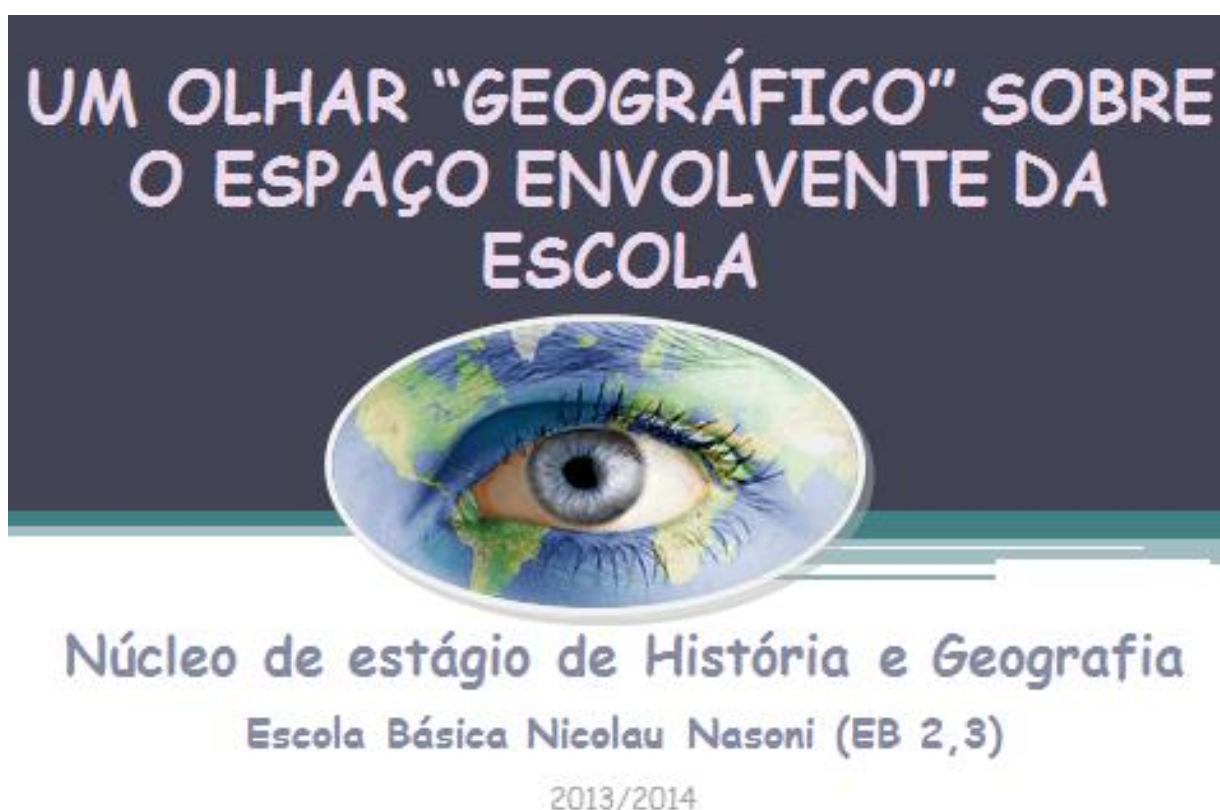
Aos alunos do 9º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico, foi pedido que fotografassem paisagens que evidenciassem diferentes níveis de desenvolvimento urbano, no mesmo espaço envolvente. Foi ainda solicitado uma breve descrição sobre as paisagens fotografadas, à semelhança do que foi pedido aos alunos dos outros níveis acima mencionados, com data, indicação de turma, local de recolha e identidade dos autores (Doc.4 em anexo).

Uma das principais dificuldades na realização deste trabalho resultou da dificuldade em motivar os alunos ao nosso projeto escolar e conseqüentemente na pequena quantidade de dados recolhidos. A mostra reduzida impediu o desenvolvimento de uma pesquisa de campo que envolvesse um maior número de alunos. Deste modo, pensamos que tais limitações acabaram por restringir a nossa análise refletindo-se nos resultados apresentados.

3.3 A divulgação do projeto

Começamos a divulgação da exposição em janeiro de 2013 com a afixação de cartazes de difusão da mesma (Fig.1), nomeadamente na Biblioteca, no refeitório e na entrada da Escola. Simultaneamente foi também feita a divulgação nas turmas, com entrega de documentos orientadores, sendo também feita a leitura dos mesmos e o adequado esclarecimento aos alunos.

Fig.1 - Documento utilizado para a divulgação da exposição na escola



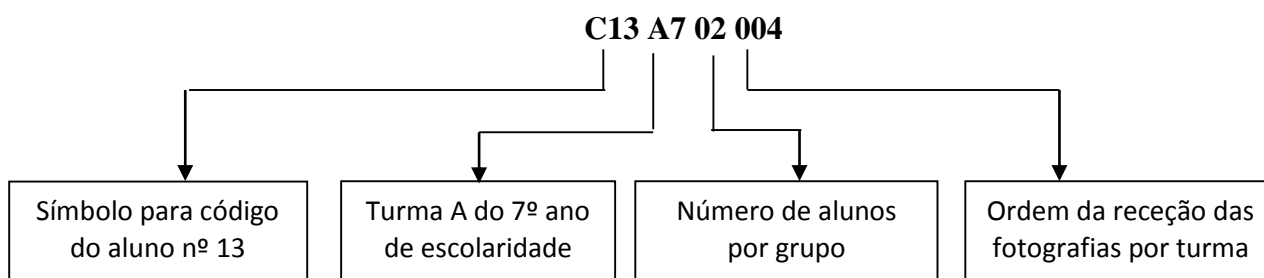
A fig. 1 tem como fundo um documento de divulgação da atividade promovida pelos professores estagiários de Geografia. O documento tem como principal objetivo levar os alunos a captar imagens do espaço envolvente. Trabalhar a observação e a leitura do espaço envolvente é uma das destrezas fundamentais para uma boa interpretação do espaço e conseqüentemente, para a compreensão das paisagens, do ponto de vista geográfico.

No seguimento do planeamento e execução do projeto escolar, foi também criado pelo núcleo de professores estagiários de Geografia colocados na Escola Nicolau Nasoni um endereço de correio eletrónico para a receção das fotografias enviadas pelos alunos. As fotografias deviam estar todas devidamente datadas e identificadas pelos autores, para uma melhor identificação e tratamento de dados. Depois de recebidas, as fotografias foram colocadas em pastas criadas para o efeito, uma pasta para cada nível de ensino.

A data da recolha das fotografias foi sucessivamente alargada, até 15 de Maio, devido à fraca adesão dos alunos e para convencer os alunos menos motivados a participarem na atividade resolvemos oferecer um prémio à fotografia mais votada, pela comunidade escolar, aquando da exposição.

Aquando da receção das fotografias foi atribuído a cada imagem um código de acordo com os seguintes critérios; o código (e.g. *C1 A8 01 003*) significa que a fotografia é um trabalho de um só aluno (01) da turma do 8ºA (A8). Esta fotografia foi a terceira do 8ºA a chegar ao correio eletrónico disponibilizado para o efeito (003). O (C1) é o código correspondente ao aluno número um. Em todas as turmas, a primeira fotografia inaugura um novo código a contar do um (001).

E.g. C13 A7 02 004



3.4 Caracterização da Escola Nicolau Nasoni

Esta experiência educativa desenvolveu-se na Escola EB 2/3 Nicolau Nasoni, situada na Rua Santo António de Contumil, pertence à freguesia de Campanhã na cidade do Porto. Foi inaugurada em 1992, dando-se início à implementação de um Projeto Educativo de Escola Inclusiva, na época inovador e que ainda hoje se mantém. Faz parte do Agrupamento de Escolas de António Nobre, formado no ano letivo 2011/2012 e constituído pelas Escolas EB 2/3 Nicolau Nasoni, EB 1/JI São João de Deus, EB 1 Monte Aventino, EB 1 Montebello, EB 2/3 da Areosa e pela Escola ES 3 António Nobre, onde o agrupamento está sediado.

Apesar dos seus 23 anos, a escola EB 2/3 Nicolau Nasoni possuiu ainda umas ótimas instalações, bem preservadas. A Escola Básica 2/3 Nicolau Nasoni compreende espaços de ensino, espaços complementares de apoio, como instalações ginnodesportivas, campo de jogos, recreios e jardins. Conta ainda com acessos a pessoas com mobilidade reduzida e um conjunto de serviços indispensáveis ao funcionamento da instituição.

A Escola Básica 2,3 Nicolau Nasoni compreende espaços de ensino, espaços complementares de apoio, como instalações ginnodesportivas, campo de jogos, recreios e jardins. A Escola conta ainda com acessos para pessoas com mobilidade reduzida e um conjunto de serviços indispensáveis ao funcionamento da instituição.

A Escola Básica 2,3 Nicolau Nasoni compreende espaços de ensino, espaços complementares de apoio, como instalações ginnodesportivas, campo de jogos, recreios e jardins. Conta ainda com acessos a pessoas com mobilidade reduzida e um conjunto de serviços indispensáveis ao funcionamento da instituição. Esta Escola possui um espaço ao ar livre com uma vasta área arborizada, nada comum em instituições das grandes áreas urbanas.

Fig.2 - Localização da freguesia de Campanhã



Em jeito de conclusão, podemos afirmar que depois de descrição de todos estes aspetos, é possível afirmar que a Escola EB 2/3 Nicolau Nasoni possui as condições essenciais e proporciona aos professores ferramentas válidas para a lecionação da disciplina de Geografia e das várias atividades que lhe são inerentes.

3.5 Caracterização dos alunos

Os alunos que participaram no projeto estão inseridos num Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). A escola Nicolau Nasoni é uma escola de programa TEIP que surgiu pela primeira vez em 1996 criada pelo Ministério da Educação, através do Despacho 147-B/ME/ cuja função primordial consiste na integração escolar e social das crianças de meios desfavorecidos que possibilitaram a adoção de um novo modelo de gestão que visa proporcionar uma maior autonomia aos estabelecimentos de ensino e uma vontade de descentralização e uma partilha do poder no processo educativo.

O principal objetivo desta medida educativa é promover o sucesso educativo dos alunos pertencentes a meios particularmente desfavorecidos, através da apropriação, por parte das comunidades educativas assim caracterizadas, de recursos que lhes permitam orientar a sua ação para a reinserção escolar dos alunos.

Os alunos que frequentam a escola Nicolau Nasoni são um grupo muito heterogéneo, de classe média baixa, de acordo com a sua localização e a proveniência dos alunos, de acordo com a caracterização das turmas feita por nós, no início do ano letivo. Há alunos de etnia cigana, outros filhos de imigrantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. São alunos oriundos de meios desfavorecidos económicos e socialmente, alunos de famílias desestruturadas e outros em risco de abandono precoce do sistema educativo.

O 3º Ciclo do Ensino Básico é constituído por quatro turmas do 7º ano, duas turmas do 8º ano e duas turmas do 9º ano com um total de 172 alunos, conforme Quadro I.

Quadro I - Alunos do 3º Ciclo da escola Nicolau Nasoni por níveis de escolaridade

Ano de escolaridade	Alunos Feminino	Alunos Masculino	Total
7º A	4	15	19
7º B	8	9	17
7º C	5	11	16
7º D	12	9	21
8º A	12	18	30
8º B	9	14	23
9º A	14	10	24
9º B	9	13	22
Total	73	99	172

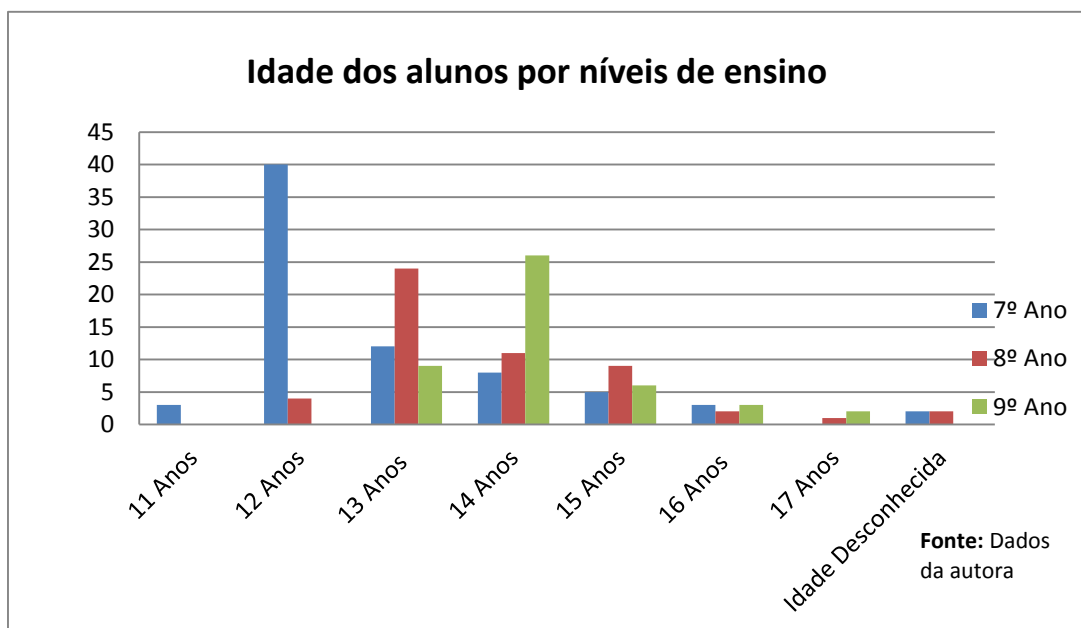
Fonte: Dados da autora

As turmas mais pequenas são as turmas do 7º ano, o 7º C tem 16 alunos, o 7º B tem 17 alunos, o 7º A tem 19 alunos e o 7º D tem 21 alunos. O 8º A tem 30 alunos e é a turma mais numerosa do 3º Ciclo do Ensino Básico, o 8º B tem 23 alunos. Os 9ºs anos A e B têm respetivamente 24 e 22 alunos.

Dos 172 alunos que constituem as oito turmas do ensino básico regular 73 alunos são do sexo feminino e 99 alunos são do sexo masculino. Predominam os alunos do sexo masculino em quase todas as turmas como podemos observar no quadro I e no gráfico 1, com exceção do 7º D e 9º A (ver gráficos 1, 2 e 3 em anexo).

Ao analisarmos os dados relativos à idade dos alunos no início do ano letivo 2013/2014 da Escola Nicolau Nasoni (gráfico 6), verificamos que relativamente aos três níveis do ensino básico, no 7º ano, a faixa etária, compreende alunos dos 11 aos 16 anos. Esta discrepância de idade evidencia o insucesso escolar dos alunos, espelhando as dificuldades inerentes às escolas TEIP que não se podem dissociar dos fatores socioeconómicos e culturais, consentâneos dos territórios com problemas de inserção social.

Gráfico 4 – Idade dos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico da Escola Nicolau Nasoni



Observando ainda o gráfico 6, há a salientar algumas situações que se destacam. A primeira é o facto de o maior número de alunos com 15 anos serem alunos do 8º ano, seguido do 9º ano mas quase com igual número no 7º ano de escolaridade. A segunda situação a destacar no gráfico é o registo de alunos com 17 anos, no 8º ano e 9º ano. De referir também o registo de alunos com 16 anos nos três níveis de ensino, sendo que no 7º ano e no 9º ano o número de alunos com 17 anos é igual.

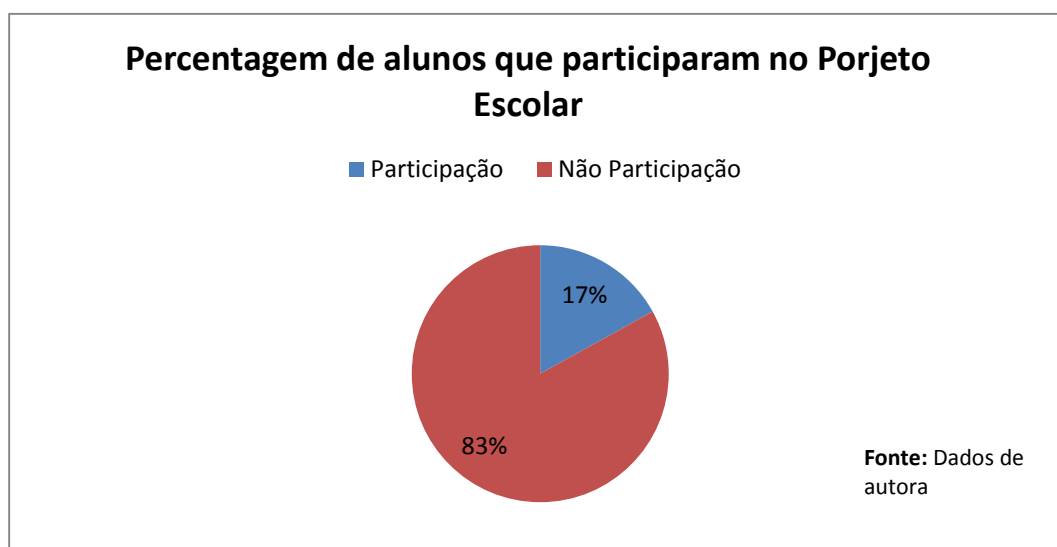
Este gráfico de idade dos alunos por níveis de ensino demonstra uma realidade no nosso sistema de ensino, o insucesso escolar e o número de retenções dos alunos, situações muito complexas, mas que muitas vezes se traduz numa dificuldade de responder às dificuldades dos alunos, por parte da comunidade escolar, o que se traduz na dificuldade de aprendizagem.

Parte IV Análise de dados obtidos

4.1 A participação dos alunos

Num total de 172 alunos que compõem as turmas do 7º, 8º e 9ºanos da Escola Nicolau Nasoni, potenciais participantes na atividade do projeto escolar, só 29 alunos participaram na pesquisa e recolha de imagens no espaço envolvente à escola. Isto significa que só aproximadamente 17% dos alunos participaram na atividade desenvolvida pelo Núcleo de Estágio da Escola Nicolau Nasoni, conforme gráfico 5.

Gráfico 5 – Distinção de alunos que participaram no Projeto da Escola Nicolau Nasoni



Apesar das de fazer a divulgação e esclarecimento sobre dúvidas relacionadas com a atividade escolar, feita regularmente aos alunos, levados a cabo pelo núcleo de professores estagiários de Geografia junto dos alunos, a participação dos mesmos na atividade escolar foi muito reduzida. A falta de motivação e interesse dos alunos pelo projeto escolar foi notória e isso traduziu-se na débil participação dos alunos. Desse modo e devido à pouca envolvimento dos alunos, a atividade escolar não surtiu os efeitos pretendidos aquando da sua planificação e inserção no Plano Anual de Atividades (PAA).

Os alunos mostraram algum desinteresse que era pela fraca adesão dos mesmos ao projeto. Foi dado apoio logístico aos alunos, nomeadamente no que respeita ao envio das imagens. Constatamos que havia alguma dificuldade em passar as imagens dos

telemóveis, meio utilizado pelos alunos para a captação de imagens, para o computador e ainda dificuldades relacionados com falta de Internet para o fazerem. Para responder a estas dificuldades, solicitamos junto da Biblioteca escolar o devido apoio e os alunos podiam fazer o envio das imagens com o apoio da pessoa responsável. O núcleo de professores estagiários de Geografia também se disponibilizou e participou, sempre que solicitado pelos alunos, para fazer face a dificuldades encontradas per eles.

No entanto, tornou-se evidente, para nós que trabalhamos diretamente com os alunos, que havia pouca motivação para participar no projeto escolar. Essa atitude de não envolvimento nas atividades escolares pode resultar no facto de os alunos não estarem habituados a trabalhar fora do contexto de sala de aula. Podemos também deduzir que os alunos possam ter pouca motivação em trabalhar, uma vez que os resultados obtidos, pela maioria dos alunos, são manifestamente fracós.

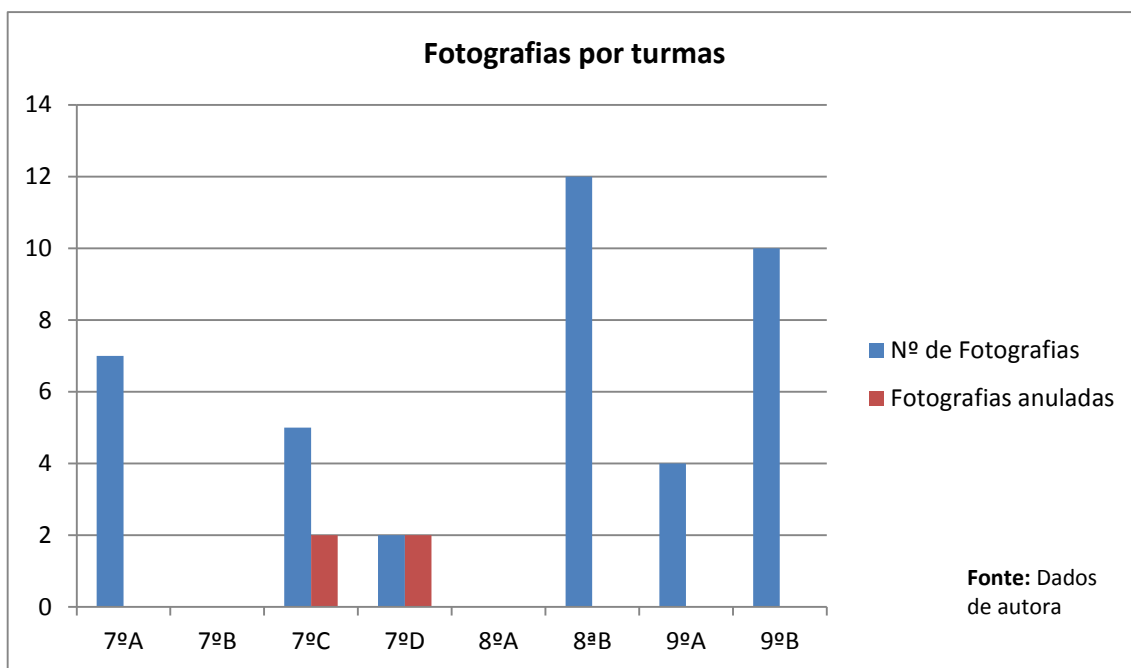
Mesmo procurando salientar que a participação dos alunos na atividades escolares também contribuía para o enriquecimento pessoal e conseqüentemente para o sucesso e a inclusão escolar, a participação na atividade escolar foi feita muito lentamente e de forma gradual, em parte, pensamos nós, por acharem que em nada contribuía para melhorar a sua nota final, na disciplina de Geografia.

Devemos ainda considerar que a pouca motivação dos alunos e não participação na atividade escolar resulta de uma não adequação de estratégias as dificuldades detetadas, por parte dos professores estagiários de Geografia. As medidas levadas a cabo pelos professores estagiários, não alcançaram os efeitos desejados. As medidas comportaram o alargamento das datas para a participação, a entrega sucessiva de documentos (documentos nº 2, 3 e 4, em anexo) com informações relativas à atividade aos alunos, com a indicação do respetivo endereço eletrónico, e a informação, divulgada nas salas de aula, da atribuição de um prémio, resultante da eleição da fotografia mais votada pelos visitantes da exposição, realizada na Biblioteca da escola.

4.2 As fotografias obtidas

Os dados obtidos estão espelhados no gráfico 6 relativos às fotografias recebidas, por níveis de ensino.

Gráfico 6 – Fotografias obtidas por turma para a exposição



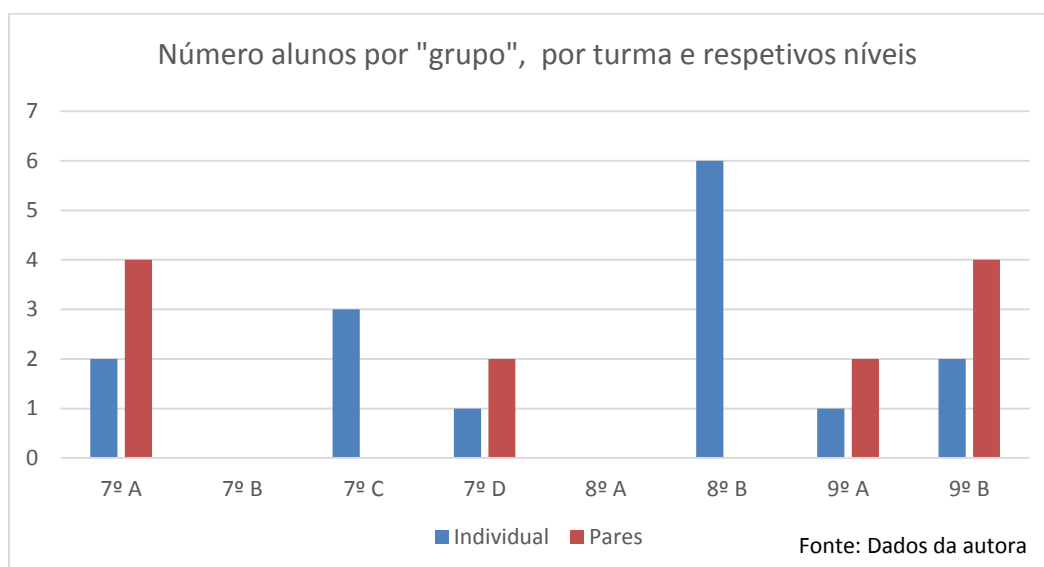
Em relação ao gráfico 6 começamos por indicar a anulação de duas fotografias na turma 7ªC e outras duas no 7ªD, anulação essa que resulta do facto de ser evidente, para nós, que as mesmas não eram da autoria dos alunos, não sendo por isso contabilizadas na nossa análise, por acharmos que não obedeciam aos objetivos da atividade, que consistia na captação de imagens por parte dos alunos. De seguida evidenciamos que, na turma A do 8º ano, a participação dos alunos foi nula. Esse registo é mais notório, contrastando com a outra turma do mesmo nível, a turma B, onde se verifica o maior número de fotografias recebidas, comparando também com os outros níveis da nossa mostra. Esta maior adesão maior adesão pode resultar devido talvez à temática a abordar na captação de imagem no 8º ano, que podes ser mais motivadora para os aos alunos. Esta discrepância no número de fotografias recebidas, também é visível nas duas turmas do 9º Ano. Ao nível do 7º ano destacamos a turma A com maior participação e a turma B sem

participação, sendo que as restantes turmas A e C mostram-se heterogéneas quanto à quantidade de imagens enviadas.

No que respeita à quantidade de fotografias enviadas por aluno, a maioria enviou apenas uma fotografia, qualquer que seja a opção de trabalho, quer a nível individual ou em pares. No entanto verificamos que alguns alunos enviaram duas fotografias. Destacamos a turma do 8ºB, onde se apurou que todos os alunos enviaram duas fotos.

Esta turma destaca-se também por verificarmos que todos os alunos preferiram participar a nível individual, embora não tenhamos encontrado nenhuma evidência para que tal facto ocorresse. De referir ainda que também no 7º ano o número de alunos que participaram a nível individual é também seis, embora estes alunos se encontrem repartidos pelas diferentes turmas do nível. No 9º ano três alunos participaram a nível individual, sendo que um é do 9º A e os outros dois da turma B, em conformidade com o gráfico 7.

Gráfico 7 - Opção de trabalho por parte dos alunos



4.3 Análise de dados

No que concerne ao que foi solicitado aos alunos, referente aos itens aos quais o trabalho devia obedecer, verificamos que um número considerável de alunos não seguiu as orientações dadas na elaboração do seu trabalho, nomeadamente no que respeita à identificação, legenda e descrição das imagens. Atestamos que em quarenta fotografias recebidas, contabilizamos 15 em que não há informação escrita associada, para além da identificação do autor, conforme tabela I (em anexo). Isso coloca-nos numa situação difícil para podermos refletir sobre a leitura que os alunos fazem das suas imagens captadas. Se é certo que os alunos procuraram fotografar segundo as orientações fornecidas, também é certo que sem contextualização não é possível perceber a leitura que os alunos fazem delas. Devemos no entanto salientar pela positiva a observação de uma paisagem por parte dos alunos e a formulação de hipóteses para procurar compreender essas paisagens.

As temáticas mais abordadas nas imagens captadas pelos alunos são distintas, embora haja temas comuns a todos os níveis de ensino. Os alunos do 7º ano, considerando que deviam identificar nas imagens, paisagens que uma maior ou menor presença humana fotografaram edifícios, jardins, pinhais, mar, praia, casas, ruas e terrenos agrícolas. Os alunos do 8º ano fotografaram também edifícios, jardins, terrenos agrícolas e a linha de metro, para contemplar as paisagens com características rurais e paisagens com características urbanas. Os alunos do 9º ano para identificarem paisagens com maior ou menor nível de desenvolvimento fotografaram também edifícios, jardins, estradas, pinhais e casas (conforme tabela II, em anexo).

Neste mosaico de paisagens, podemos constatar que os alunos procuraram no captar espaço envolvente, as temáticas de acordo com os conteúdos trabalhados em sala de aula. É por isso natural que os temas captados nas imagens sejam coincidentes, uma vez que se trata do mesmo espaço geográfico.

Constatamos também que as cores predominantes nestas imagens são o verde, o cinzento e o castanho. Os alunos relacionaram o verde com a natureza e as paisagens menos humanizadas, paisagens mais rurais e ainda com paisagens de territórios menos desenvolvidos. Enquanto o cinzento e o castanho está mais relacionado com as paisagens que os alunos identificaram com paisagens humanizadas, com paisagens que representam modos de vida urbanos e com paisagens com maior nível de desenvolvimento.

Relativamente às imagens captadas, e tomando como exemplo a fotografia com o código C10 A7 02 004 podemos verificar que a imagem não permite uma leitura abrangente da paisagem, não é clara podendo levar a várias leituras. Como não contem informação escrita associada, não sabemos exatamente o que o autor queria realçar. Embora se destaque a grande árvore, não sabemos se o autor queria realçar na paisagem indícios da presença humana ou salientar uma paisagem com menos presença humana, como era o objetivo das imagens a captar para os alunos do 7º ano.



Concentremo-nos mais detalhadamente na análise mais das 25 imagens que têm alguma informação associada, fornecida pelos alunos. Vamos debruçar-nos naquelas que nos permitam também analisar a leitura que os alunos fazem das suas imagens, através da análise da descrição dos alunos das mesmas.

Fundamentando-nos na imagem referente ao lugar do Lagarteiro, no Porto.



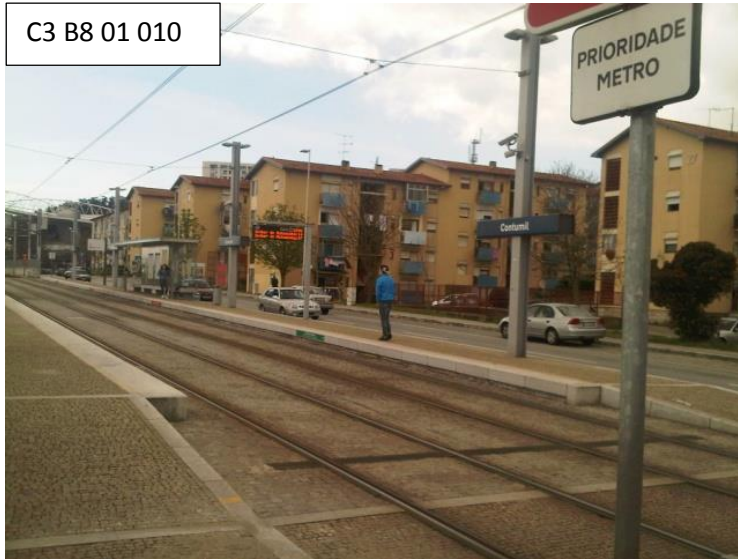
Legenda: Lugar do Lagarteiro, Porto

A fotografia C3 B8 01 009 é referente a uma paisagem do lugar do Lagarteiro, no Porto. Associada à imagem temos o seguinte texto da autoria do aluno número três do 8º B. A imagem é referente a uma paisagem do lugar do Lagarteiro, no Porto.

Associada à imagem temos o seguinte texto da autoria do aluno número três do 8º B. *“A fotografia representa um meio rural em plena cidade do Porto. Pode-se observar ao longe pequenas povoações e uma vasta área de espaços verdes. Observa-se um campo destinado a cultivo.”*

Esta segunda imagem é mais clara, conseguimos identificar modos de vida rural, como refere o aluno. O resto da informação que não é possível identificar na imagem, é fornecida pelo aluno, quando nos diz que a paisagem rural está inserida em plena cidade do Porto.

C3 B8 01 010



52

Legenda: Rua
Conde Castelo Melhor,
Porto

“Esta fotografia representa um meio urbano igualmente na cidade do Porto.” É classificado desta forma porque pode-se observar elevada densidade habitacional (blocos com vários apartamentos) e um serviço exclusivo das grandes cidades que é o metro. (aluno)

O mesmo aluno observa, descreve e interpreta a paisagem. Na primeira imagem o aluno descreve o modo de vida rural e na segunda descreve o modo de vida urbano, enquadrando-se no Domínio População e Povoamento no Subdomínio 3 – Compreender a inter-relação entre o espaço rural e urbano.

Outro exemplo de leitura e interpretação de uma paisagem surge na fotografia com o código C7 B8 01 012

C7 B8 01 012



É uma paisagem rural situada no Porto.

“Como se pode ver é um pequeno campo cultivado onde tem um poço onde se extrai a água, que rega o campo cultivado e dá a beber alguns animais como galinhas.” (aluno)

Embora a imagem não contenha informação tão abrangente como a anterior, podemos no entanto, com a ajuda da informação fornecida pelo aluno, perceber o modo de vida rural, os chamados nichos rurais, dentro da cidade.

O mesmo aluno, na fotografia com o código C7 B8 01 011, o aluno observa descreve e interpreta a paisagem.



É uma paisagem urbana situada no Porto.

“Ao fundo pode-se ver alguns prédios ao seu redor casas a face das ruas com algumas árvores.” (aluno)

Devemos realçar ainda que este aluno foi o único que procurou comparar descreveu o que compreendeu da paisagem e faz uma conclusão relacionando as duas paisagens. *“Com estas duas imagens concluímos que podemos encontrar o Rural dentro do Urbano.” (aluno)*

Não podemos deixar de evidenciar que alguns alunos retiraram da imagem informação que ela não continha, o que levanta a questão da observação, da

comparação para procurar compreender. Como refere Joly “*fazer uma imagem é antes de mais olhar, escolher, aprender.*”⁽⁴¹⁾

Tomemos outros exemplos, as imagens C19 B8 01 005 e C19 B8 01 006, duas imagens do aluno número 19 do 8º B.



Espaço Urbano

“O espaço urbano é habitado por muita população, existem vários prédios enormes, existe muitas zonas de comércio, zonas de indústria, zonas de fabrico, ...! São as cidades que constituem o espaço urbano, existe muito pouco espaço verde.” (aluno)

O aluno faz uma leitura da imagem C19 B8 01 005, retirando da imagem informação que ela não contém. Não é possível identificar na imagem “zonas” de comércio ou “zonas “ de indústria.

⁽⁴¹⁾ Joly, M. (2012). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa. Edições 70, p.68



Espaço Rural

“O espaço rural tem pouca população, normalmente muitos espaços verdes, pouca movimentação nas ruas, ruas abandonadas e por vezes casas. As casas são pequenas e antigas, normalmente é a população envelhecida que aí reside.” (aluno)

Do mesmo modo não nos é possível ler diretamente na imagem os elementos referidos pelo aluno, nomeadamente no que concerne à faixa etária da população que habita nesta localidade. O aluno faz a leitura da imagem com uma interpretação pessoal, o que nos levanta a questão da polissemia da imagem, que permite inúmeras interpretações.

Em conformidade com o nosso trabalho realçamos que, falar sobre a imagem é essencial para se fazer dela uma boa leitura. Aquilo que os alunos dizem o que captaram, através da descrição que fazem da imagem, ajuda a perceber a sua leitura do espaço envolvente. Quando os alunos não falam ou dizem coisas que são incoerentes, mais difícil

se torna a sua leitura. Tome-nos como exemplo a fotografia C5 B9 02 009, quando o aluno diz, "Paisagem com maior nível de desenvolvimento"



"Paisagem com maior nível de desenvolvimento"

Relativamente à imagem em questão, a imagem não contém informação que nos remeta para uma paisagem com um maior nível de desenvolvimento. A imagem não é clara, tem um plano de leitura muito reduzido e remete para a polissemia da imagem. Evidenciamos ainda que a imagem apresenta uma semelhança insuficiente face ao que é indicado pelo autor.

4.4 Considerações finais

Ao longo do nosso relatório pretendemos demonstrar a importância da imagem enquanto potenciadora das aprendizagens dos alunos, assim como das possíveis experiências educativas a elas intrínsecas, como a observação, comparação, leitura e interpretação das paisagens.

Perspetivando levar os alunos a conhecer melhor a realidade geográfica das paisagens no meio no qual estão inseridos, planeamos uma atividade escolar, na forma de uma exposição fotográfica, para a qual os alunos são os fazedores das respetivas fotografias.

A imagem assume assim o papel primordial na experiência educativa que visa abranger os conteúdos programáticos para os respectivos níveis de ensino, do 3º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Geografia.

Os professores de Geografia sabem que a imagem é essencial no processo de ensino aprendizagem em geral, no que respeita ao ensino de Geografia ela torna-se imprescindível. A imagem está impregnada de Geografia, através dela temos podemos observar o meio e as transformações ocorridas através da ação humana. A imagem assume assim uma função comunicativa visual determinante na análise da imagem. Ela é essencial para refletir uma determinada realidade e tem ainda uma utilidade educativa.

Os alunos que participaram na recolha das imagens fizeram um percurso, orientados pelos professores, com vista a alcançar determinadas metas. Essas metas visam captar em imagem a realidade das paisagens envolventes, obedecendo a um critério que foi previamente estabelecido, segundo os conteúdos programáticos de Geografia.

A problemática deste relatório diz respeito àquilo que os alunos captam em fotografia referente ao espaço envolvente e conseqüentemente qual a leitura que os alunos fazem desse mesmo espaço geográfico. Os alunos que participaram na atividade escolar procuraram seguir as orientações fornecidas pelos professores e efetivamente observaram, captaram, compararam e procuraram compreender a paisagem do espaço envolvente, de modo que procuraram abordar nas fotografias, as temáticas orientadoras, com melhor ou menor qualidade.

A grande dificuldade dos alunos, aquando da produção das imagens, relaciona-se com a quantidade de informação que se pode recolher na imagem. Por vezes a preocupação dos alunos prende-se mais com a parte estética da imagem, não captando na imagem as temáticas a abordar nos respetivos níveis de ensino e não acrescentando informação adicional à imagem, o que dificulta uma obtenção mais ampla de significados. Por esse motivo foi difícil para os alunos fazerem, *a posteriori*, uma descrição das paisagens captadas, impossibilitando-os assim de fazerem a respetiva leitura da paisagem.

Baseando-nos na análise dos dados por nós recolhidos, podemos inferir que a maioria dos alunos revelou alguma dificuldade em ler a paisagem envolvente.

Com este relatório pretendemos orientar os alunos para um olhar geográfico sobre as paisagens do quotidiano, permitindo-lhes assim uma melhor compreensão e a tomada de atitudes de forma ponderada e consciente.

Bibliografia/Webgrafia

Alegria, M.F. (2001). “Contributos para uma prática da leitura de imagens fixas”. In *La formación Geográfica de los ciudadanos en el câmbio de Milenio* (pp.351-359). Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Asociación de Geógrafos Españoles, Associação de Professores de Geografia.

Alegria, M.F. (2003). “Ensinar Geografia numa Sociedade mediática”. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Geografia* (pp.11-24). I Série, Vol. XIX. Porto.

Alegria, M.F. (2004). “Imagem, imaginação e Geografia”. In *Revista Apogeo*, nº 27/28 (pp.4-10). Associação de Professores de Geografia.

Batouxas, Mariana; Viegas, Julieta (1998). *Dicionário de Geografia*, Lisboa, Edições Sílabo.

Calado, I. (1994). *A utilização Educativa das imagens*. Porto. Porto Editora. Colecção Mundo de Saberes 8.

Câmara, Ana Cristina; Ferreira, Conceição Coelho; Silva, Luisa Ucha; Alves, Maria Luisa; Brazão, Maria Manuela (2001). *Orientações Curriculares do 3º Ciclo - Geografia*, Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.

Dolffus, O.(1973). *L' Espace Géographique*. Paris. Presse Universitaire de France.

Freire, P. & Campos, M. O. *Leitura da Palavra... Leitura do Mundo*. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro. vol 19. n 2, p.4-9, fev,1991. Disponível on line em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>. Consultado em 20 de novembro de 2014

Geolitto, Pierre (1992). *Enseigner La Geographie à L'Ecole. Pédagogies pour demain*. Paris. Hachette Éducation.

Joly, M. (2005). *A imagem e os signos*. Lisboa. Edições 70. Coleção Arte & Comunicação.

Joly, M. (2012). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa. Edições 70. Coleção Arte & Comunicação.

Lacoste, Yves (2005). *Dicionário de Geografia – da Geografia à Paisagem*. Lisboa, Teorema.

Lencastre, José Alberto & Chaves, José Henrique (2003). “Ensinar pela imagem”.

Revista Galego-Portuguesa de Psicopedagogía e Educación. N 8 (Vol. 10) Ano 7.

2100-2105. ISSN: 1138-1663. Disponível on line em

http://investigacao.ipiaget.org/edutec/ficheiros/3_ENSINAR_PELA_IMAGEM_viicongresopsicopedagogia2003.pdf Consultado em 20 de outubro de 2014

Martin, A. (1995). “Los médios audiovisuales en la enseñanza de la Geografía”. In Jimenez, A.M., Marron Gaité, M.J. (ed.). *Enseñar Geografía. De la teoría a la práctica* (pp. 239 -275).Madrid, Editorial Síntesis, SA.

Martins, Felisbela. (2014). *Ensinar Geografia Através De Imagens: Olhares e Práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT – Centro de estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Maio, pp.429-446

Meneses, , Ulpiano T. Bezerra de (2002). A paisagem como fato cultural. In: Yázigi, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, p. 29-64. Disponível on line em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885107_ARQUIVO_TextoAnpunacional.pdf. Consultado em 12 de outubro de 2014

Metz, C. (1970). “Au-delà de l'analogie, l'image”, *Révue Communications*, 15 (pp.1-10).Paris.

Metz, C. (1970). “Images et Pedagogie”. *Révue Communications*, 15 (pp.161-167).Paris.

Penteado, Heloísa Dupas (1991). *Televisão e Escola: Conflito ou Compreensão?* São Paulo: Cortez, (Coleção Educação Contemporânea). Disponível on line em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf> consultado em 12 de outubro de 2014

Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc Van (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Ribeiro, Orlando (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto, Porto Editora.

Souza, S. E. (2007) “O uso de recursos didáticos no ensino escolar”. In: *I Encontro de Pesquisa em Educação – IV Jornada de Prática de Ensino. XIII Semana de Pedagogia da UEM: Infância e Práticas Educativas*”. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <http://pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/109.pdf>. Consultado em 04 novembro de 2015.

Vasconcelos, C. dos S. (1991). *Construção do conhecimento em sala de aula*. Cadernos pedagógicos do Libertad, São Paulo. Disponível on line em:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_ufpr_geo_artigo_marcia_cristiana_marciano.pdf consultado em 22 de outubro de 2014

Zabala, A. (1998). *A prática educativa, como ensinar*, Porto Alegre, Artmed.

Legislação

Despacho 147-B/ME/

Doc. 1 - Atividade dos Estagiários de Geografia na Escola EB 2/3 Nicolau Nasoni

Elaboração de uma projeção fotográfica subordinada ao tema: Um olhar “geográfico” sobre o espaço envolvente da escola.

Os alunos dos 7^{os} anos devem fotografar no espaço envolvente, paisagens mais naturais e paisagens mais humanizadas, com uma identificação do local e legenda.

Os alunos dos 8^{os} anos devem fotografar paisagens no espaço envolvente com modos de vida rural e modos de vida urbanos.

Os alunos dos 9^{os} anos devem fotografar, no território envolvente, através da fotografia, diferentes níveis de desenvolvimento.

- Cada aluno envia duas fotografias para um correio eletrónico a criar pelos estagiários;
- As fotografias devem estar identificadas pelo autor e com legenda;
- Cada aluno deve captar fotografar paisagens conforme os conteúdos programáticos do seu ano letivo.
- A seleção e a edição das fotografias ficarão a cargo dos professores estagiários;
- A projeção será agendada oportunamente.

Os professores estagiários,

Fernanda Ferreira

Hugo Peixoto

Licínio Azevedo

Otília Santos

Doc. 2 - Divulgação da atividade ao 7º

7º Ano

Os professores estagiários Fernanda Ferreira, Hugo Peixoto, Licínio Azevedo e Otília Silva do Agrupamento de Escolas António Nobre, Nicolau Nasoni, solicitam a participação dos alunos do 7º ano no projeto escolar.

Nesse sentido será realizada uma exposição intitulada “Um olhar Geográfico sobre o espaço envolvente à escola”

- Os alunos devem, em pares fotografar as paisagens das do espaço envolvente, da janela do quarto ou durante o percurso escolar para tentar identificar a presença humana.
- Cada dois alunos (cada par) enviam duas fotografias para fotosnasoni@gmail.com
- As fotografias devem estar identificadas pelos autores e devem dizer **quando** foram tiradas, **onde** foram tiradas e o que **quiseram** fotografar
- A seleção e edição das fotografias ficarão a cargo dos professores estagiários
- A exposição está agendada para maio em dia a determinar
- As fotografias devem ser enviadas até dia 31 de março de 2014

Atentamente,

Professores estagiários

Doc. 3 - Divulgação da atividade ao 8º

8º Ano

Os professores estagiários Fernanda Ferreira, Hugo Peixoto, Licínio Azevedo e Otília Silva do Agrupamento de Escolas António Nobre, Nicolau Nasoni, solicitam a participação dos alunos do 8º ano no projeto escolar.

Nesse sentido será realizada uma exposição intitulada “Um olhar Geográfico sobre o espaço envolvente à escola”

- Os alunos devem, em pares, fotografar o espaço escolar envolvente e fotografar paisagens rurais e paisagens urbanas.
- Cada dois alunos (cada par) enviam duas fotografias para fotosnasoni@gmail.com
- As fotografias devem estar identificadas pelos autores e devem ter uma breve descrição da paisagem
- Cada dois alunos (cada par) devem contemplar os opostos, isto é, devem enviar uma fotografia de uma com características de uma **paisagem rural** e outra com **paisagem** com características **urbanas**
- A seleção e edição das fotografias ficarão a cargo dos professores estagiários
- A exposição está agendada para maio em dia a determinar
- As fotografias devem ser enviadas até dia 28 de fevereiro de 2014

Atentamente,

Professores estagiários

Doc. 4 - Divulgação da atividade ao 9º

9º Ano

Os professores estagiários Fernanda Ferreira, Hugo Peixoto, Licínio Azevedo e Otília Silva do Agrupamento de Escolas António Nobre, Nicolau Nasoni, solicitam a participação dos alunos do 9º ano no projeto escolar.

Nesse sentido será realizada uma exposição intitulada “Um olhar Geográfico sobre o espaço envolvente à escola”

- Os alunos devem, em pares fotografar o espaço escolar envolvente e fotografar paisagens com diferentes níveis de desenvolvimento
- Cada dois alunos (cada par) enviam duas fotografias para fotosnasoni@gmail.com
- As fotografias devem estar identificadas pelos autores e devem ter uma breve descrição da paisagem
- Cada par deve contemplar os opostos, isto é, deve enviar uma fotografia com uma **paisagem com maior nível de desenvolvimento** e outra **paisagem com menor nível de desenvolvimento**
- A seleção e edição das fotografias ficarão a cargo dos professores estagiários
- A exposição está agendada para maio em dia a determinar
- As fotografias devem ser enviadas até dia 28 de fevereiro de 2014

Atentamente,

Professores estagiários

Doc.5 – Gráficos referentes à caracterização dos alunos

Gráfico 1

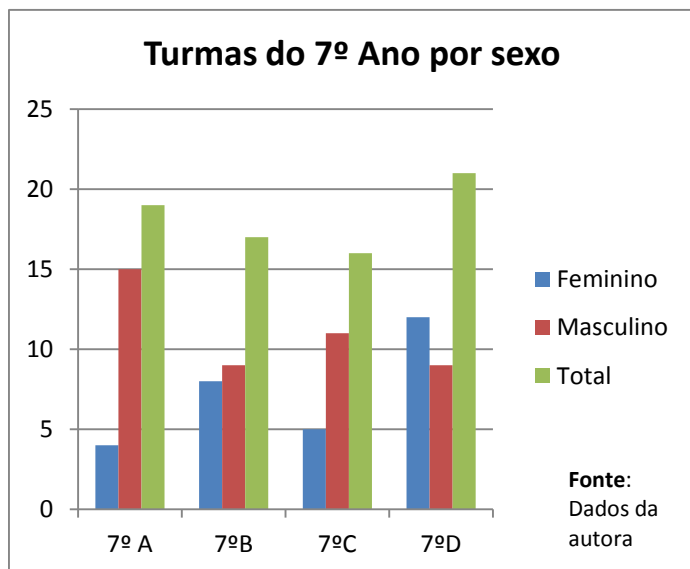


Gráfico 2

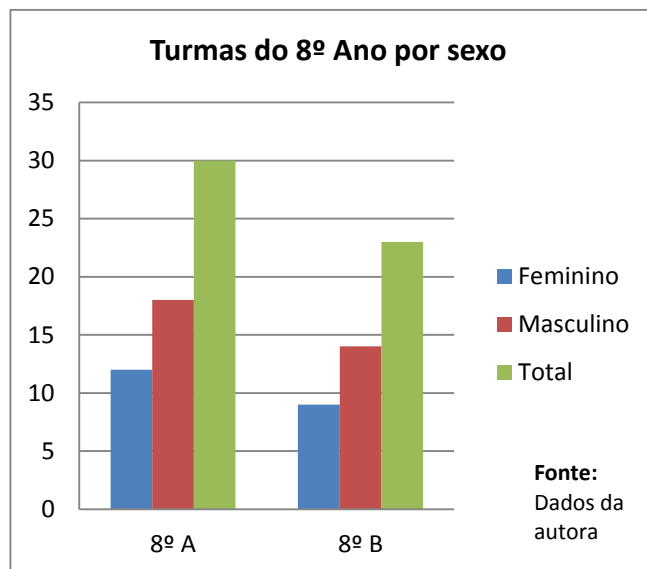


Gráfico 3

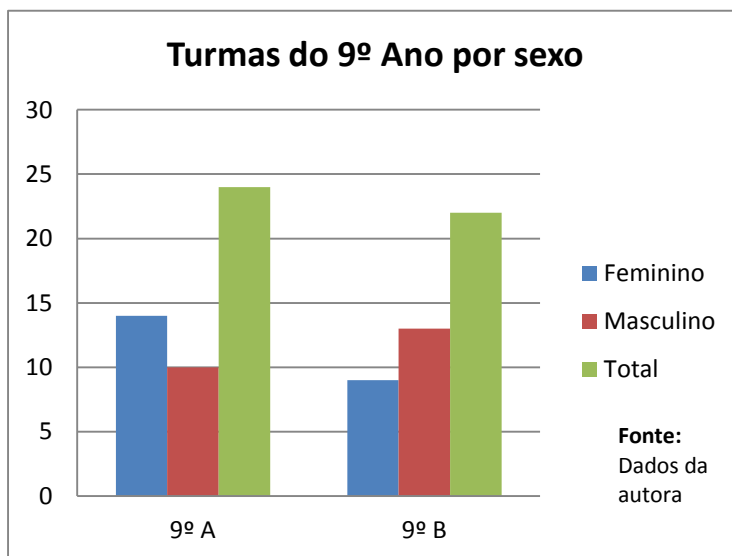







Tabela I- Dados referentes às fotografias



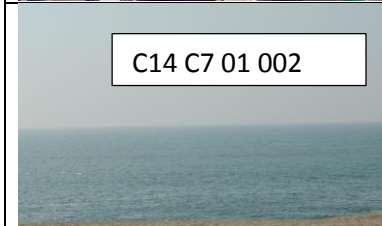



Código	Legenda	Identificação do local	Descrição	Conclusão
C5 D7 02 001 C20 D7 02 002				
C19 A7 01 001	Sim			
C7 C7 01 001	Sim	Sim		
C8 A7 01 002				
C10 A7 02 003 C17 A7 02 004				
C14 C7 01 002 C14 C7 01 003				
C19 D7 01 003 C19 D7 01 004				
C12 A7 02 005 C2 A7 02 006			Sim	
C19 A7 01 007	Sim		Sim	
C1 B7 02 001 C19 B7 02 002	Sim	Sim		Sim
C19 B8 01 001				
C19 B8 01 002				
C9 B8 01 003		Sim		
C9 B8 01 004		Sim		
C19 B8 01 005	Sim		Sim	
C19 B8 01 006	Sim		Sim	
C4 B8 01 007			Sim	
C4 B8 01 008			Sim	
C3 B8 01 009	Sim		Sim	
C3 B8 01 010	Sim		Sim	
C7 B8 01 011	Sim	Sim	Sim	
C7 B8 01 012	Sim	Sim	Sim	
C19 A9 02 001			Sim	
C8 A9 02 002			Sim	
C1 B9 02 001				
C1 B9 01 002				
C15 B9 01 003				
C15 B9 01 004				
C3 B9 02 005	Sim			
C17 B9 02 006	Sim			
C5 B9 02 007	Sim			
C21 B9 02 008	Sim			
C23 A9 01 003	Sim			
C23 A9 01 004	Sim			

Tabela II Os temas abordados nas imagens

Código	Tema	Cores predominantes
C5 D7 02 001	Edifícios	Castanho
C20 D7 02 002	Paisagem rochosa	Castanho
C19 A7 01 001	Edifícios	Castanho
C7 C7 01 001	Edifícios	Cinzento
C8 A7 01 002	Edifícios/árvores	Cinzento/verde
C10 A7 02 003	Casa/rua	Cinzento
C17 A7 02 004	Árvore	Verde
C14 C7 01 002	Mar	Azul
C14 C7 01 003	Praia	Castanho/azul
C19 D7 01 003	Pinhal	Verde
C19 D7 01 004	Pinhal	Verde
C12 A7 02 005	Edifícios	Cinzento
C2 A7 02 006	Jardim	Verde
C19 A7 01 007	Pinhal	Verde
C1 B7 02 001	Pinhal	Verde
C19 B7 02 002	Pinhal	Verde
C19 B8 01 001	Edifícios	Castanho
C19 B8 01 002	Terreno agrícola	Verde
C9 B8 01 003	Estrado/casa	Cinzento
C9 B8 01 004	Edifícios	Cinzento
C19 B8 01 005	Edifícios	Castanho
C19 B8 01 006	Casa	Cinzento
C4 B8 01 007	Jardim	Verde
C4 B8 01 008	Jardim	Verde
C3 B8 01 009	Terreno agrícola	Verde
C3 B8 01 010	Linha de metro	Cinzento
C7 B8 01 011	Edifícios	Cinzento
C7 B8 01 012	Jardim	Verde
C19 A9 02 001	Edifícios	Cinzento
C8 A9 02 002	Pinhal	Verde
C1 B9 02 001	Edifício	Castanho
C1 B9 01 002	Estrada	Cinzento
C15 B9 01 003	Edifício	Cinzento
C15 B9 01 004	Edifício	Castanho
C3 B9 02 005	Estrada	Cinzento
C17 B9 02 006	Jardim	Verde
C5 B9 02 007	Praça de comércio	Verde
C21 B9 02 008	Estrada	Cinzento
C23 A9 01 003	Casas	Cinzento
C23 A9 01 004	Casas	Cinzento



Tabela III - Fotos e dados referentes




Fotos	Legenda	Identificação do local	Descrição	Conclusão
 <p>C5 D7 02 001</p>				
 <p>C20 D7 02 002</p>				
 <p>C19 A7 01 001</p>		Esta fotografia foi tirada na Rua de S. Mamede, Rio Tinto		
 <p>C7 C7 01 001</p>	Paisagem Humanizada	Vila Nova de Gaia, Portugal		
 <p>C8 A7 01 002</p>			A foto foi tirada do quarto e contrastar o verde da natureza e o cinzento do cimento	

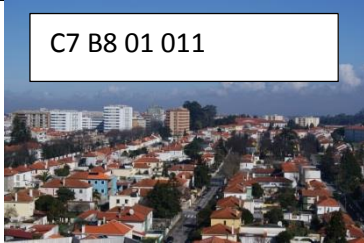

				
				
				
				
				
				






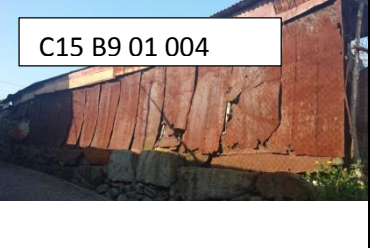
 <p>C12 A7 02 005</p>			Paisagem com mais presença humana	
 <p>C2 A7 02 006</p>			Paisagem mais natural	
 <p>C19 A7 01 007</p>	Paisagem com menos vestígios do homem			
 <p>C1 C7 02 004</p>	Paisagem humanizada	Isto é um exemplo de uma paisagem humanizada nos arredores da escola.		Esta paisagem é notória por ter muitas casas.
 <p>C19 C7 02 005</p>	Paisagem natural	Isto é um exemplo de uma paisagem natural nos arredores na escola.		Esta paisagem é notória por ter um grande número de vegetação.







 <p>C19 B8 01 001</p>				
 <p>C19 B8 01 002</p>				
 <p>C9 B8 01 003</p>		<p>Freguesia de Sandim, Vila Nova de Gaia</p>		
 <p>C9 B8 01 004</p>		<p>Rua da Constituição, Porto</p>		
 <p>C19 B8 01 005</p>	<p>Espaço Urbano</p>		<p>O espaço urbano é habitado por muita população, existem vários prédios enormes, existe muitas zonas de comércio, zonas de industria, zonas de fabrico, ...! São as cidades</p>	

			que constituem o espaço urbano, existe muito pouco espaço verde.	
	Espaço Rural		O espaço rural tem pouca população, normalmente muitos espaços verdes, pouca movimentação nas ruas, ruas abandonadas e por vezes casas. As casas são pequenas e antigas, normalmente é a população envelhecida que aí reside.	
			Características da imagem: - Poucos espaços verdes; -Prédios/casas com muitos andares; -Automóveis e algum movimento na rua; -Poluição atmosférica;	

			<p>Características da imagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Existência de muitos espaços verdes e livres; -Agricultura é a atividade que mais domina; -Ambiente tranquilo 	
		<p>Rua do Lagarteiro, Porto</p>	<p>A fotografia representa um meio rural em plena cidade do Porto. Pode-se observar ao longe pequenas povoações e uma vasta área de espaços verdes. Observa-se um campo destinado a cultivo. O ambiente envolvente transmite tranquilidade.</p>	
		<p>Rua Conde Castelo Melhor, 52 Porto</p>	<p>Esta fotografia representa um meio urbano igualmente na cidade do Porto. É classificado desta forma porque pode-se observar elevada</p>	

			densidade habitacional (blocos com vários apartamentos) e um serviço exclusivo das grandes cidades que é o metro. Pode-se ainda observar, ao fundo do lado esquerdo, o Estádio do Dragão, sendo os equipamentos desportivos uma das características diferenciadoras do meio urbano relativamente ao meio rural.	
 <p>C7 B8 01 011</p>	Urbana	É uma paisagem urbana situada no Porto.	Ao fundo pode-se ver alguns prédios ao seu redor casas a face das ruas com algumas árvores.	
 <p>C7 B8 01 012</p>	Rural	É uma paisagem rural situada no Porto.	Como se pode ver é um pequeno campo cultivado onde tem um poço onde se extrai a água, que rega o campo cultivado e dá a beber alguns animais como galinhas.	Com estas duas imagens concluímos que podemos encontrar o Rural dentro do Urbano.

 <p>C19 A9 02 001</p>				
 <p>C8 A9 02 002</p>				
 <p>C1 B9 01 001</p>				
 <p>C1 B9 01 002</p>				
 <p>C15 B9 01 003</p>				
 <p>C15 B9 01 004</p>				

 <p>C3 B9 02 007</p>	<p>Esta paisagem é a mais desenvolvida</p>			
 <p>C17 B9 02 008</p>	<p>Esta paisagem é a menos desenvolvida</p>			
 <p>C5 B9 02 009</p>	<p>Paisagem com maior nível de desenvolvimento</p>			
 <p>C21 B9 02 010</p>	<p>Paisagem com menor nível de desenvolvimento</p>			
 <p>C23 A9 01 003</p>	<p>Paisagem desenvolvida</p>			
 <p>C23 A9 01 004</p>	<p>Paisagem desenvolvida</p>			